**Título:**
**Quem é**
**Deus?**
**Vol. 1**

***Apresentação*** Com este trabalho pretendemos oferecer ao leitor uma oportunidade de reflexão sobre este tema de suma importância - sua personalidade, seu caráter, seus atributos - para que possamos melhor compreender o divino e sua atuação no universo, de forma eficaz voltado para a realização humana.

Para tanto, procuramos ressaltar os aspectos essenciais, sem dar muita ênfase a polêmica.

Acreditamos, ainda, ser o atributo que particulariza este trabalho, diferenciando-o dos demais que tratam do mesmo assunto; a coleção de idéias na mesma obra.

Consideramos indispensável este estudo porque estamos convencidos de que esta é a maneira de contribuirmos para a educação psicoteológica e religiosa dos leitores.

Com essa certeza, agradecemos antecipadamente as críticas e sugestões que nos creditarem.

Com simples palavras, linguagem ao alcance de todos, vamos ao estudo.

***Introdução*** A finalidade deste estudo é formarmos uma mesa redonda em torno do tema ora em foco, para que possamos entender no compartilhar da teoria de diversos escritores, na visão de todos nós, podermos definir em uma filosofia flexiva a somatória do ponto de vista de cada um, uma conclusão satisfatória que venha satisfazer intelectualmente o desejo dos leitores.

Entendemos que na mesa redonda as visões são diferentes, levando em consideração o ângulo que estivermos, mas por fim, veremos a mesma coisa.

Neste trabalho de pesquisa você também é convidado a dar suas considerações naquilo que pretendemos ver, segundo o ângulo que estivermos, para satisfazer nosso desejo de conhecimento do que pretendemos saber.

Qual é o desejo do leitor? O que pretende saber? Quais são as suas necessidades de conhecimento na visão da psicoteologia?

**1.** ***Na Visão CULTURAL-ACADÊMICA, DEUS: quem é?***

*Segundo Aurélio,* Deus é: "1 Princípio supremo considerado pelas religiões como superior à natureza. 2 Ser infinito, perfeito, criador do Universo. 3 Nas religiões politeístas, divindade de personificação masculina, superior aos seres humanos, e à qual se atribui influência especial, benéfica ou maléfica, nos destinos do Universo. 4 Objeto de um desejo ardente, que se antepõe a todos os demais desejos ou afetos. 5 Princípio supremo de explicação da existência, da ordem e da razão universal, e garantia dos valores morais."

***Análise crítica*** Aurélio da algumas opiniões referentes ao caráter, a pessoa, a divindade, ao ser, criador do Universo, etc. Para ele são apenas considerações. A meu ver estas considerações são vagas, no sentido de explicar com mais exatidão quem é o verdadeiro Deus.

**2.** ***Na visão FILOSÓFICA, DEUS: Quem é?***

s*egundo Nicola,* Deus: "São duas as qualidades fundamentais que os filósofos atribuíram e atribuem a Deus é o princípio que torna possível o mundo ou o ser em geral. Na segunda, é a fonte ou a garantia de tudo o que há de excelente no mundo, sobretudo no mundo humano. Trata-se, como é óbvio, de qualificações bastante genéricas que só têm sentido preciso no âmbito das filosofias que as empregam. Podemos, por isso, distinguir as várias concepções de Deus partindo dos significados que essas qualificações adquirem; portanto, 1º quanto à relação de Deus com o mundo, pela qual Deus é causa; e 2º quanto à relação de Deus com a ordem moral, pela qual Deus é Bem. Como, ademais, é possível conceber que da divindade podem participar vários entes ou que ela é própria e um só ente, e como, por outro lado, é possível várias vias de acesso do ser humano a Deus, também é possível admitir outros dois modos de distinguir as concepções de Deus; 3º quanto à relação de Deus consigo mesmo, ou seja, com sua divindade; 4º quanto aos acessos possíveis do ser humano a Deus. Esses quatro modos de dostinguir as concepções de Deus, que podem ser encontrados ao longo da história da filosofia oriental, têm a vantagem de seguir com suficiente fidelidade as interações históricas da noção em exame, ou seja, os pontos que serviram de base para principais disputas filosóficas.

**2.1. *DEUS é o Mundo*** Concepção para a qual Deus como causa é o aspecto fundamental de Deus: as formas do ateísmo são negações da causalidade de Deus. Mas na história da filosofia essa causalidade foi entendida de maneiras diferentes e segundo essas diferenças é possível distinguir as três concepções seguintes: a) Deus como criador da ordem do mundo, como causa ordenadora; b) Deus como natureza do mundo, como causa necessitante; c) Deus como criador do mundo, como causa criadora.

**A) *Deus como criador da ordem do munndo*** Essa concepção é provavelmente a mais antiga da história da filosofia; o primeiro a enuncia-la claramente foi Anaxágoras, que considerou o `Intelecto` como divindade que ordena o mundo. O caráter criador do `Intelecto` decorre do fato de Anaxágoras negar, como afirma Alexandre, a existência de um destino necessitante; isso significa que considerava o `Intelecto` como causa livre, portanto criadora. Mas não se tratava certamente de uma criação a partir do nada, assim como não se tratou de criação a partir do nada na doutrina de Platão e de Aristóteles. Para Platão, Deus é o Artífice ou Demiurgo do mundo, cujo poder criador é limitado pelo modelo que Ele imita e que é o mundo das substâncias ou realidades eternas pela matriz material que, com sua necessidade, resiste à obra inteligente do Demiurgo. As características da divindadeplatônica são, além do poder superior (mas, pelos motivos acima, não ilimitados), a inteligência e a bondade. Graças e esta última, criação é um ato livre, que tem em vista a multiplicação do bem. A doutrina de Aristóteles não difere substancialmente da platônica. Sobretudo nos últimos diálogos, Platão insistiria no conceito de Deus como primeiro motor ou "guia de todas as coisas que se movem" e é precisamente esse conceito que se torna ponto de partida da teologia aristotélica. Para Aristóteles, Deus é o primeiro motor ao qual necessariamente se filia a cadeia dos movimentos; ou a primeira causa de que decorrem séries causais, inclusive a das causas finais. Mas é justamente no sentido de causa final que Deus é criador da ordem do universo, que Aristóteles compara a uma família ou a um exército. "Todas as coisas estão ordenadas uma em relação à outra, mas nem todas do mesmo modo: os peixes, os pássaros, as plantas têm ordens diferentes. Todavia, uma coisa não está para outra como se nada tivesse a ver com outras, mas tudo está coordenado com um único ser. Isso é, por exemplo, o que ocorre numa

casa onde as pessoas livres não podem fazer o que lhes apraz, mas onde todas as coisas, ou pelo menos a maior parte delas, acontece segundo uma ordem, ao passo que os animais contribuem com pouco para o bem-estar comum e fazem muito por acaso": Do mesmo modo, o bem de um exército consiste "ao mesmo tempo em sua ordem e em seu comandante, mas especialmente neste último, pois ele não é o resultado da ordem, mas é a ordem que depende dele". Deus, portanto, é como o comandante ou o chefe de uma casa: é quem produz e mantém a ordem que constitui a bondade do conjunto. Essa é também a doutrina de Platão; exposta de forma menos mística, ou seja, fora do mito teológico. Aristóteles não atribui novas características à divindade, mas esclarece e determina as que Platão já lhe atribuíra. Assim, Deus é não só o primeiro motor: é motor imóvel e, como tal, eterno e afastado das coisas sensíveis; não tem grandeza, e é dotado da potência necessária para mover o mundo por tempo infinito. Não é só intelecto, como já dissera Platão: é inteligência sempre em ato, cujo objetivo é o objeto mais alto e excelente, ou seja, ela mesma; é intelecto do intelecto ou pensamento do pensamento. O intelecto na verdade também pode conciliar e ter por objetivo coisas inferiores a si mesmo: o intelecto divino deve ficar acima dessas eventualidades. Além disso, a distinção entre a potência e o ato e a reconhecida superioridade do ato em relação à potência permitem que Aristóteles defina Deus como ato puro, atualidade absolutamente desprovida de matéria ou de potencialidade, dando assim um significado mais rigoroso e filosófico à "incorporeidade" da inteligência divina; já reconhecida a partir de Anaxágoras. Aristóteles esclareceu também o conceito da bem-aventurança divina: Deus, diz ele, "experimenta sempre uma felicidade simples e única porque a atividade (que é acompanhado pelo prazer) não consiste só no movimento, mas também na imobilidade, e a felicidade está mais no repouso que no movimento". Enfim, a perfeição de Deus torna-O auto-suficiente: ao contrário do ser humano, não tem necessidade de amigos: "A causa disso é que para nós o bem vem de algo que não somos nós, mas Ele é o bem para Si mesmo". Embora muitas dessas determinações tenham sido adotadas e utilizadas por doutrinas diferentes, é fácil perceber que estão estreitamente vinculadas ao conceito platônico-aristotélico de criador da ordem do mundo. Tanto para Aristóteles quanto para Platão, a estrutura substancial do universo está além dos limites da criação divina. Certamente, a imagem da divindade que assume como modelo de sua ação criadora o mundo das subtâncias eternas não tem mais sentido para Aristóteles (e para o próprio Platão era um "mito", um discurso simplesmente "verossímil"). Mas para Platão, assim como para Aristóteles, a estrutura substancial do universo é eterna, ou seja, não suscetível de princípio ou de fim. De fato, só a coisa individual composta de matéria e forma tem nascimento e morte, segundo Aristóteles, ao passo que a substância que é forma ou razão de ser, ou a que é matéria, não nasce nem perece. Deus mesmo participa dessa eternidade da substância, pois Ele é substância e substância no mesmo sentido em que o são as substâncias finitas. A superioridade de Deus consiste apenas na perfeição de sua vida, não em sua realidade ou em sua realidade ou em seu ser, pois, diz Aristóteles, "nenhuma substância é mais ou menos substância do que outra".

**B) *Deus como matureza do mundo*** Sob este título podem ser agrupadas todas as concepções de Deus que de algum modo admitam uma relação intrínseca, substancial ou essencial dele com o mundo, de tal maneira que o mundo seja entendido como continuação ou prolongamento da vida de Deus. Deve-se notar que a própria concepção de Deus como criador da ordem do mundo, mesmo demarcando uma separação entre o mundo e Deus, estabelece a semelhança entre eles. Platão chama o mundo de "Deus gerado",

e Aristóteles relata com aprovação a crença comum de que os corpos celestes são deuses e de que "o divino abrange toda a natureza". Mas essa conexão torna-se mais estreita e essencial na concepção de que ora nos ocupamos e que pode ser designada genericamente pelo nome de panteísmo. Nesta, um laço necessário ata o mundo a Deus e Deus ao mundo: Deus não seria Deus sem o mundo, assim como o mundo não seria mundo sem Deus. Isso não implica, porém, a perfeita identidade e coincidência entre Deus e o mundo; ou melhor, essa identidade ou coincidência só se verifica no sentido que vai do mundo para Deus e não no que vai de Deus para o mundo. Em outros termos, o mundo não é inteiramente Deus: está incluído na vida divina como seu elemento necessário, mas não a esgota. A exigência apresentada pelo chamado panteísmo na realidade é típica de todas as formas do panteísmo histórico, como se poderá facilmente verificar pela digressão que segue. A característica do panteísmo pode ser expressa dizendo que ele não estabelece nenhuma diferença entre causalidade divina e causalidade natural. No interior do panteísmo, podem-se distinguir três modos principais de vincular mundo e Deus, quais sejam: 1º o mundo é a emanação de Deus; 2º o mundo é a manifestação ou revelação de Deus; 3º o mundo é a realidade de Deus. O primeiro e o segundo desses modos via de regra se unem, o mesmo ocorrendo com o segundo e o terceiro; não se acham, porém, explicitamente vinculados o primeiro e o terceiro.

O panteísmo assumiu pela primeira vez forma acabada no estoicismo. Os estóicos "chamavam Deus de mundo, sendo Deus a qualidade própria de toda substância, imoral e não gerado, criador da ordem universal, o qual, segundo os ciclos dos tempos, consuma em si toda a realidade e novamente a gera de si". E diziam que "Deus impregna todo o universo e toma nomes conforme as matérias diferentes em que penetra". Os estóicos também afirmavam que Deus é corpo, porque só o corpo pode ser causa, pode agir: doutrina que retorna em Tertuliano e em Hobbes. O reconhecimento da causalidade de Deus no mundo torna-o partícipe da condição geral da causalidade mundana, ou seja, da corporeidade. Os precedentes dessa doutrina foram vistos tanto na doutrina de Heráclito, do Logos ou Fogo divino que tudo penetra, quando na identificação feita por Xenófanes de Colofão entre Deus e o Uno e o Todo. Mas a expressão mais madura do panteísmo deve ser vista no neoplatonismo, particularmente em Plotino. Este elabora, ainda que em forma de imagem, a noção de emanação que se tornaria indispensável ao panteísmo, permitindo entender o modo como de Deus deriva um mundo que não se separa dele. A relação entre Deus e o mundo é assim esclarecida: 1º o mundo deriva, necessariamente, de Deus assim como o perfume emana necessariamente do corpo perfumado, e a luz, de sua fonte; 2º por esse laço de necessidade, o mundo é parte ou aspecto de Deus, ainda que parte diminuída ou inferior, pois o perfume ou a luz que se afasta de sua fonte é inferior à própria fonte; 3º Deus é superior ao mundo, embora idêntico a ele, na medida em que possui ordem, perfeição e beleza. Esses são os caracteres que Plotino atribui a Deus. Deus é o Uno em face dos muitos que dele emanam. "Ele é a potência de tudo; está acima da vida e é causa da vida; a atividade da vida, que é tudo, não é a realidade primeira, mas deriva do Uno como de uma fonte". Do Uno emana, em primeiro lugar, a Inteligência na qual residem as estruturas substanciais do ser e que, por isso, Plotino identifica com o próprio Ser, e, em segundo lugar, o Espírito, que penetra e governa o mundo. O mundo, emanado da Inteligência e governado pelo Espírito, é cópia perfeita da divindadeemanada, sendo eterno e incorruptível como o modelo; ele é um Deus bem-aventurado que se basta a si mesmo". A noção de emanação, para a qual "o ser gerado existe necessariamente junto com o seu gerador e só é separado dele por sua

própria altoridade", vê o mundo como parte integrante de Deus, e Deus como origem única do processo emanativo, algo superior ao mundo e inexprimível nos termos do mundo. Deus propriamente não é meu ser ou substância, nem vida, ou inteligência, por ser superior a essas coisas: elas, porém como emanações suas fazem parte dele. Proclo cunha as palavras adequadas: "Deus é supersubstancial, supervital e superinteligente"; essas palavras se tornam nos primórdios da Escolástica cristã com Scotus Erigena: para ele, Deus não é substância, mas Supersubstância; não é verdade, mas Superverdade. Mas, ao mesmo tempo, o mundo é Deus, ou melhor, como diz Scotus Erigena, manifestação de Deus, teofania. O processo da teofania vai de Deus ao Verbo, do Verbo ao mundo e do mundo retorna a Deus. Desse modo, "Deus está acima de todas as coisas e em todas elas; é a substância de todas as coisas porque só ele é; e conquanto seja tudo em todas as coisas, não deixa de ser tudo fora de todas as coisas".

Mas a doutrina de Schelling implica a noção de que o mundo é não só a revelação de Deus, mas também sua realização. Essa noção tem origem em Spinoza, embora não se encontre nele: deriva do racionalismo geometrizante de Spinoza, pelo qual Deus não mais se identifica com o mundo, mas com a ordem do mundo, mais precisamente com a ordem racional, geometricamente explicável, do mundo. Diz Spinoza: "Nada há de contingente nas coisas, mas tudo é determinado a existir e a atuar de certo modo pela necessidade da natureza divina". Embora se possa distinguir entre natureza naturalmente que é Deus, e natureza "naturada", que são as coisas derivadas de Deus, na realidade a natureza nada mais é que a ordem necessária da coisa, e essa ordem é Deus. "De qualquer modo que concebemos a natureza, sob o atributo da extensão, do pensamento ou de qualquer outro, sempre encontramos uma só e mesma ordem, uma só e mesma conexão de causas, isto é, uma só e mesma realidade". Assim, para Spinoza Deus não é a Unidade inefável da qual as coisas brotam por emanação, nem a Causa criadora da ordem, mas essa mesma ordem em sua necessidade. Isso implica que a derivação necessária e recíproca das coisas, segundo o ideal da racionalidade geométrica é a realização de Deus, pensamento este que foi explicitado no Romantismo justamente como referência à doutrina de Spinoza. A concepção de que Deus se revela e ao mesmo tempo se realiza no mundo, mais precisamente na necessidade racional do mundo, fundamental no Romantismo. Sua melhor expressão está em Hegel. Este começa insistindo na necessidade da revelação de Deus: se Deus não se revelasse, seria um Deus invejoso. "Quando, na religião, se torna a sério a palavra Deus, é também por ele, que é conteúdo e princípio da religião, que pode e deve começar a determinação do pensamento; e se a Deus for negada a revelação, não restará outro conteúdo a atribuir-lhe senão a inveja. Mas se a palavra espírito deve ter um sentido, ela significa a revelação de si". Ora, essa revelação não é revelação, e a realização de Deus como autoconsciência de si que ele alcança no ser humano. "Deus é Deus só enquanto se sabe: seu saber-se é sua autoconsciência no ser humano e o saber que o ser humano tem de Deus, que progride até o saber-se do ser humano em Deus". Desse ponto de vista, a distinção entre "Essência eterna" e sua manifestação é um estágio provisório, superado pelo retorno da manifestação à essência eterna e pela realização da unidade de ambas. Hegel distingue três momentos do conceito de Deus: "em cada um deles o conteúdo absoluto é representado: a) como conteúdo eterno que permanece na posse de si em sua manifestação; b) como distinção entre essência eterna e sua manifestação que, mediante essa distinção, torna-se o mundo da aparência onde está o conteúdo; c) como infinito retorno e conciliação do mundo alheado da essência, assim como esta retorna do mundo

da aparência para a unidade de sua plenitude". A realidade plena de Deus consiste em reconhecer-se realizado no mundo e através do mundo.

**C) *Deus como criador*** Segundo a concepção de causa, criador: Deus não é somente o primeiro motor e a causa primeira do devir e da ordem do mundo, mas também o autor da estrutura substancial do próprio mundo. Essa estrutura, constituída pelas substâncias, formas ou razões últimas das coisas, não é co-eterna com ele (como na concepção clássica), mas produzida por ele. Produzida não por um processo necessário, mas com causalidade livre, graças à qual o mundo se separa de Deus no próprio ato de nascimento de seu ser. Por outro lado, nessa concepção, Deus não é mais o superser, mas o ser do qual provêm outros seres. Segundo essa concepção, as características da divindade derivam da noção de criação, em seu significado próprio e específico. Deve-se notar que esse significado só foi elaborado com intuito de distingui-lo por oposição à ordenança e à emanação. Em hebraico, grego e latim, assim como nas línguas modernas, o verbo "criar" tem sentido genérico, referindo-se, indiferentemente, à obra de um artesão ou à de um criador; é só através da elaboração filosófica que essa noção chega a configurar-se em suas características.

Essa elaboração começa com Fílon de Alexandria (séc. I), que por meio da interpretação alegórica do Velho Testamento definiu o conceito de Deus ora em oposição às doutrinas da filosofia grega, ora em consonância com elas. Foi o primeiro a afirmar que Deus tirou o mundo "do não-ser para o ser" e que ele não só foi Demiurgo como também o verdadeiro fundador do mundo. Mas nem mesmo Fílon entendeu esse conceito, em todo o seu rigor, pois às vezes assimila criação e imposição de ordem à matéria desordenada e amorfa. A noção de Deus criador vai-se determinando com mais clareza na polêmica cristã contra os gnósticos: Irineu, por exemplo, afirma que Deus não tem necessidade de intermediários para a criação. Lactâncio, por sua vez, negava que, a criação, Deus tivesse necessidade de matéria preexistente. Contra o emanatismo, Orígenes afirmava que Deus não pode ser considerado nem como o todo nem como uma parte do todo, porque seu ser é homogêneo, absoluto e indivisível, sendo também superior à própria substância já que não participa dela: participa-se de Deus, mas Deus não participa de nada. Além disso, a unidade de Deus, na qual os filósofos cristãos insistem tanto para opor-se ao politeísmo pagão quanto para eliminar da noção de Trindade qualquer resíduo de multiplicidade de divindades, leva-os a acentuar a separação entre Deus e o mundo, pois de Deus, de algum modo, participasse do mundo, participaria também da multiplicidade e da diversidade que o constituem. Pelo mesmo motivo, é acentuada a eternidade, ou seja, a imutabilidade de Deus em face da mutabilidade e da temporalidade do mundo. Para Santo Agostinho, Deus, enquanto Ser, é o fundamento de tudo o que é, o Criador de tudo.

Com efeito, a mutabilidade do mundo que está ao nosso redor demonstra que ele não é o ser e que, portanto, precisou ser criado por um Ser eterno. Antes da criação não havia tempo e não havia nem mesmo um "antes": não tem sentido, pois, perguntar o que Deus fazia "então". A eternidade está acima de todo tempo e em Deus o passado e o futuro nada são. O tempo foi criado juntamente com o mundo. No séc. XI Anselmo resumia em Monologion os resultados de um trabalho já secular, esclarecendo os caracteres da criação a partir do nada como "um salto do nada para alguma coisa" e insistindo na impossibilidade de admitir que a matéria ou outra realidade qualquer preexistisse à obra de criação divina. As coisas são tão-somente por participação no ser; isso significa que sua existência provém unicamente de Deus. Anselmo admitia que na mente divina estivesse o modelo ou a idéia das

coisas produzidas, mas este também, apesar de preceder à criação do mundo, foi criado por Deus. Contrariando, porém, um dos caracteres de Deus criador, a doutrina de Abelardo dizia que a criação é um ato necessário de Deus, ou seja, um ato que não pode não ocorrer, visto que Deus não pode não querer o bem e que a criação é um bem.

A característica de necessidade, à qual o pensamento filosófico chegou relativamente tarde, torna-se fundamental para todas as doutrinas de Deus que surgem depois. Nicolau de Cusa define Deus como "necessidade absoluta". Às vezes essa característica é tomada como ponto de partida da prova ontológica, como faz Descartes, para quem "a existência necessária está contida na natureza ou no conceito de Deus, de tal modo que é verdade dizer que a existência necessária está em Deus ou que Deus existe". Outras vezes nega-se a legitimidade de semelhante prova, mas assume-se igualmente a necessidade como definição de Deus; é o que faz por exemplo Leibniz. É preciso", diz ele, "procurar a razão da existência do mundo, que é a totalidade das coisas contigentes, e é preciso procurá-lo na substância que traz contigo a razão de sua existência e que é, portanto, necessária e eterna". Portanto, substância necessária, para Leibniz, é Deus. Nesse aspecto, são poucas as novidades pelas concepções de Deus como causa criadora na filosofia moderna e contemporânea. Limitam-se a repetir as características tradicionais, a começar da necessidade, que na maioria das vezes é assumida como ponto de partida para uma demostração ontológica. É o que fazem, por exemplo Lotze e, na sua esteira, muitos representes do espiritualismo contemporâneo. A única exceção a essa tendência é constituída por Kierkegaard e por todos os que se inspiram diretamente em sua concepção de Deus. Segundo Kierkegaard, a relação entre Deus e o mundo é incompreensível e só pode ser esclarecida negativamente com a noção de diferênça absoluta, de "salto" entre o mundo e Deus. Portanto, Kierkgaard não utiliza a noção de causa para determinar a relação entre o mundo e Deus, evitando atribuir a Deus a categoria de necessidade. Deus é "aquele para o qual tudo é possível"; essa definição de Deus torna a fé possível por ser o fundamento da confiança naquele que pode sempre encontrar uma possibilidade de salvação para o ser humano, mas exclui a certeza fundada na necessidade da natureza divina. É óbvio que, desse ponto de vista, a própria qualificação de Deus como criador do mundo torna-se incompreencível, sendo indiferente afirmá-la ou negá-la. O mesmo vale para a doutrina contemporânea que, nesse aspecto, mais se aproxima da inspiração de Kierkegaard: a de Jaspers. Qualificar a tranferência do ser com os tributos tradicionais dados a Deus ou como Deus mesmo é, segundo Jaspers, anular a distância entre a transferência e o ser humano, ou seja, anular a transferência como tal. A única cifra ou sinal da transferência é o fracasso que o ser humano sofre quando tenta alcançar a transferência. Esse fracasso é o único e autêntico sinal da transferência, que é negada por todas as tentativas de torná-la próxima e acessível, pensando-a com os termos tradicionais da divindade.

**2.2. *Deus e o Mundo Moral*** A relação entre Deus e o mundo moral é o segundo aspecto de distinção das várias concepções de Deus. Sob esse aspecto é possível isolar, em primeiro lugar, as doutrinas que não atribuem a Deus nenhuma função de ordem moral. Essas doutrinas, porém, são raríssimas, pois constituem formas de um quase-ateísmo; pode-se mencionar Voltaire. Paradoxalmente, Voltaire disse que a divindade se desinteressa completamente pela conduta dos seres humanos. Azar dos cordeiros que se deixam devorar pelos lobos. "Mas se um cordeiro fosse dizer a um lobo:

`Faltas ao bem moral, Deus te punirá`, o lobo responderia: "Faço o meu bem físico e parece que Deus não está muito preocupado em saber se te como ou não". Contudo, esse ponto de vista, que é compartilhado por outros iluministas, parece raramente na história da filosofia, em que a relação entre Deus e a ordem moral tende a tomar como modelo a relação entre Deus e o mundo físico. Nesse aspecto, podem ser distinguidas três concepções fundamentais: a) a que considera Deus como garante da ordem moral do mundo; b) a que o identifica com a ordem moral; c) a que o considera criador da ordem moral.

**2.2.1.** ***Deus como garante da ordem moral*** Por essa concepção, a ordem moral, do mesmo modo que a ordem substancial do mundo, é independente de Deus; mas Deus concorre de modo mais ou menos eficaz para mantê-la ou para realizá-la, acrescentando-lhe sua garantia. É essa a concepção de Platão e Aristóteles, segundo os quais Deus, apesar de criador da ordem natural, não tem nenhuma responsabilidade sobre a ordem moral que é confiada aos seres humanos, limitando-se a apoiá-la e a encorajá-la com sanções próprias. No mito de Er, Platão atribui à parca Láquesis palavras, dirigidas às almas que estão prestes a escolher um novo ciclo de vida: "A virtude não tolera senhores; cada um participará dela mais ou menos, conforme a honre mais ou menos. Cada um é imputável por sua escolha: a divindade não é imputável". E na realidade o Demiurgo predispõe todas as coisas "para não ser causa da maldade futura dos seres individuais". Para Platão, a virtude, assim como o vício (logo, a totalidade da ordem moral), faz parte da esfera de causalidade dos seres criados. Todavia, ser virtuoso significa também "ser amigo da divindade", e isso significa "ser semelhante" à divindade é para nós a medida de todas as coisas, muito mais do que pode-sê-lo um ser humano, como dizem hoje". Analogicamente, segundo Aristóteles, a divindade exerce sua função apenas no mundo natural e só por essa função é possível determinar seus atributos fundamentais (Motor imóvel, Causa primeira, Pensamento do pensamento, etc.). Contudo, até Aristóteles admite, conforme as crenças populares, que, "se os deuses se preocupam de algum modo com as obras humanas, como parece, é verossímil que lhes agrade ver nos seres humanos algo de excelente e que com estes tenham a maior afinidade, o que só pode ser inteligência". A característica negativa dessa concepção é a ausência da noção de providência, ou seja, de uma ordem racional criada por Deus ou que seja Deus, em que os seres humanos e seus comportamentos encontrem lugar. Sua característica positiva é ser Deus garante da ordem moral, conquanto não estabeleça seus caminhos e seus modos de realização. No mundo moderno essas características são encontradas nos defensores da religião natural, a religião sem relação por parte de Deus, confiada unicamente às forças da razão. Grócio, por exemplo, afirma que os enunciados da religião natural são quatro: "primeiro: Deus existe e é uno; segundo: Deus não é coisa nenhuma que se veja, mas é muito superior a elas; terceiro: as coisas humanas são cuidadas por Deus e julgadas com perfeita eqüidade; quarto: Deus é o artífice de todas as coisas exteriores". Crenças semelhantes, que excluem das coisas humanas o plano providencial, embora reconhecendo a ajuda e a garantia divina, são freqüentes nos filósofos dos séculos XVII e XVIII. Talvez sua melhor expressão esteja em Rousseau e em Kant. Segundo Rousseau, Deus Deus intervém para pôr em ação "as leis da ordem universal", agindo de tal modo que, nesta vida, quem se comportar corretamente e for infeliz será recompensado na outra. Aliás, para Rousseau, a exigência de ver assim garantida a ordem moral é o único morivo razoável para crer na imortalidade do espírito. Do mesmo modo, para Kant, a existência de Deus é

um postulado da razão prática pois só Deus torna possível a união de virtude e felicidade em que consiste o sumo bem, que é o objeto da lei moral. "Desse modo", diz Kant, "mediante o conceito do sumo bem, a lei moral conduz à religião, ao conhecimento de todos os deveres na forma de mandamentos divinos; não como sanções, ou seja, como decretos arbitrários e por si mesmo acidentais de uma vontade alheia, mas como leis essenciais de toda vontade livre por si mesma, que, porém, devem ser consideradas mandamentos do Ser Supremo, porque só de uma vontade moralmente perfeita (santa e boa) e ao mesmo tempo Onipotente podemos esperar o sumo bem, que a lei moral nos obriga a ter como objetivo de nossos esforços; portanto, podemos esperar alcançá-lo mediante o acordo com essa vontade perfeita". Conseqüentemente, para Kant Deus é "1° Criador Onipotente do céu e da terra, e, do ponto de vista moral, ligislador santo; 2º conservador do gênero humano como seu benévolo governante e curador moral; 3º guarda de suas próprias leis, ou seja, justo juiz". Essa solução de Kant ficou sendo típica da concepção em exame, que limita o poder moral de Deus a uma garantia que não determina de modo algum a ação dos seres humanos, mas, ao contrário, de certo modo é solicitada pela própria autonomia dessa ação.

**2.2.2. *Deus como ordem moral do mundo*** Essa concepção, como a outra de Deus criador da ordem moral, apóia-se no conceito de providência, de ordem racional que compreende não só os eventos do mundo mas também as ações humanas, ordem que é Deus mesmo ou que vem de Deus. Os primeiros a formular o conceito de providência foram os estóicos, que deram esse nome ou o nome de destino ao governo racional do mundo, ou seja, "a razão pela qual as coisas passadas aconteceram, as presentes acontecem e as futuras acontecerão", Os estóicos identificam essa razão, destino ou natureza com Deus, "presente nas coisas e nos fatos, e que assim utiliza todas as coisas segundo sua natureza, para a economia do todo".

Assim em Spinoza, a noção de providência identifica-se com a noção de necessidade: necessidade segundo a qual todas as coisas derivam da natureza de Deus, como única Causa perfeita e Onipotente. Fichete só fazia re-propor a tese de Spinoza quando, num texto que lhe valeu a acusação de ateísmo, identificava Deus com a "ordenação moral viva e atuante", negando que Deus fosse "uma substância particular", diferente dessa ordenação. Essa identificação ficou como fundamento do Romantismo. Hegel diz: "O verdadeiro bem, a razão divina e universal, é também potência de realização de si mesmo. Em sua representação mais concreta, esse bem, essa razão, é Deus. O que a filosofia vê e ensina é que nenhuma força prevalece sobre a força do bem, ou seja, de Deus, de tal modo que a impeça de atuar: Deus prevalece, e a história do mundo não representa outra coisa senão o plano da providência. Deus governa o mundo: o conteúdo de seu governo, a execução de seu plano, e a história universal". Não obstante a ambigüidade de certas expressões, o sentido da doutrina hegelina aqui recapitulada é evidente: Deus é a razão que habita o mundo, e a razão que habita o mundo é a própria realidade histórica. De um século a esta parte essa doutrina foi repetida com freqüência, sendo às vezes designada "doutrina da providência imanente". Ainda serve de base para algumas correntes que visam renovar a teologia cristã e a empenhar o cristianismo numa ação mais direta e eficaz no mundo. Assim, por exemplo Bonhoeffer identifica a realidade com o bem a ambos com Deus. Por um lado, o bem é a realidade porque é uma fórmula geral: o real é impossível sem o bem. Por outro lado, Deus é a "realidade de última" não no sentido de ser uma idéia ou a meta final da realidade, mas no sentido de que "todas as coisas se mostram distorcidas se não vistas nem reconhecidas em

Deus". Desse ponto de vista, a ética cristã é "a realização, entre as criaturas de Deus, da realidade reveladora de Deus em Cristo". A novidade de doutrinas desse tipo consiste, por um lado, no abandono das tradicionais especulações teológicas e, por outro, na ênfase na função do Cristo; "Deus e o mundo estão compreendidos em seu nome; portanto, não se pode falar de Deus e do mundo sem falar de Cristo". Mas o pressuposto teórico é sempre o mesmo: a identidade de Deus com o mundo moral.

**2.2.3. *Deus como Criador da ordem moral*** Essa terceira concepção é caracterizada: 1º pela distinção entre Deus e sua ação providencial, sendo Deus causa livre da ordem moral; 2º pela tentativa de salvar a liberdade do ser humano. O ponto de partida dessa concepção continua sendo a noção de providência, da forma elaborada por estóicos e neoplatônicos. Boécio assim a distingue da concepção de destino: "A providência é a própria razão divina constituída como princípio soberano de tudo, que ordena todas as coisas, ao passo que o destino é a ordem que rege as coisas em seu movimento e por meio do qual a providência as liga, dando a cada uma o lugar que lhe compete". Essa distinção não equivale, obviamente, a uma separação: providência e destino em última análise coincidem, já que o primeiro é a unidade da ordem vista pela inteligência divina, e o segundo é essa mesma ordem enquanto realizada no tempo. O problema a que uma e outra dão origem é o do livrearbítrio, característico dessa concepção de Deus Boécio antecipa o esquema de todas as soluções que depois lhe serão dadas, firmando que as ações humanas estão incluídas, justamente em sua liberdade, na ordem providencial. Com forma mais precisa e circunstanciada, a mesma solução (à qual, em geral, se ativeram os filósofos) foi re-proposta por São Tomás: este afirma, por um lado, o caráter integral ou totalitário da ação providencial, e por outro julga a providência conciliável com a liberdade humana, que se insere, como tal, no quadro da providência. Diz São Tomás: "É próprio da providência ordenar as coisas para um fim. Depois da bondade divina, que é um fim separado das coisas, o bem principal, existindo nas próprias coisas, é a perfeição do universo; esta não existiria se não se encontrassem nas coisas todos os graus do ser. Daí se segue que é da divina providência produzir todos os graus do ser e, por isso e para certos efeitos, ela preparou causas necessárias, a fim de que acontecessem necessariamente, mas para outros efeitos preparou causas contigentes a fim de que acontecessem contingentemente em conformidade com a condição das causas próximas". Por isso, "acontece infalível e necessariamente aquilo que a providência divina dispõe que aconteça assim, mas acontece de forma contigente aquilo que a providência quer fazer acontecer". Não se trata, obviamente, de uma solução isenta de dificuldades, pois não é fácil entender como a realização de um desígnio perfeito e minucioso pode ser confiada, mesmo que em parte, ou em parte mínima, ao comportamento imprevisível de um fator arbitrário. Mas essa é a solução repetida constantemente no âmbito dessa concepção, que tende a ressaltar a liberdade da causalidade divina com vistas à solução do outro problema fundamental da teodicéia, o do mal, expresso pela velha fórmula: "*Si Deus est, unde malum? Si non est, unde bonum*?" Os escritores dos séculos XVII e XVIII (especialmente Bayle, os deístas e Leibniz) discutiram longamente esses problemas, sem encontrar novas soluções. De um lado, Bayle dava destaque à insuficiência das soluções tradicionais e julgava esses problemas insolúveis; de outro, Leibniz re-propunha as soluções tradicionais inserindo-as no seu conceito de mundo como ordem que se organiza espontaneamente e de Deus como princípio dessa organização. Em virtude desse conceito, Leibniz podia admitir um

determinismo não necessitante, no que diz respeito à vontade humana na ordem providencial, e reapresentar, com mais plausibilidade, a antiga tese de que o mal não existe, não tem realidade própria, mas é um ingrediente indispensável, embora incômodo, do melhor dos mundos possíveis. Todavia, o conceito de Deus como "substância necessária" continuava em Leibniz, e esse conceito é dificilmente compatível com a causalidade livre de Deus. Como afirmava Avicena, que foi o primeiro a enunciar esse conceito, uma substância só pode ter uma causalidade necessária e comunicar sua necessidade a tudo o que dela provém. Em sua formulação tradicional, essa concepção de Deus revela-se uma composição sincrética, cujos elementos não são todos compatíveis uns com os outros. Com efeito, extrai da concepção o conceito de plano providencial, que, na história da filosofia, nasceu da identificação de Deus com o mundo ou com sua ordem. E combina essa doutrina com outra, de origem árabe, para a qual Deus é substância necessária, bem como com o elemento grego-cristão-judaico, de Deus como causa livre. Não é de estranhar que da composição de elementos conceituais tão heterogêneos tenham nascido conflitos e problemas de extrema dificuldade. Na própria filosofia contemporânea, as soluções oferecidas para tais problemas não são diferentes das citadas; às vezes, tornam-se ainda menos convicentes devido à ênfase dada ao caráter necessário da realidade divina pela influência do imanentismo romântico.

**2.3. *Deus e a Divindade*** O terceiro modo de distinguir as concepções de Deus consiste em considerá-las quanto à relação entre Deus e Ele mesmo, ou, mais precisamente, entre Deus e a divindade. Na distinção ou na identificação entre Deus e a divndade estão as duas alternativas, politeísmo ou monoteísmo. Se Deus se distingue da divindade, tem-se uma relação semelhante à que existe entre a humanidade e o homem, podendo haver muitos deuses, assim como há muitos homens. Se, porém, Deus é identificado com a divindade, há um só Deus, assim como há uma só divindade. A propósito, é oportuno dar pouca importância ou aceitar com muita cautela as qualificações com que os filosofos são comumente caracterizados. Na verdade, muitos filósofos são qualificados de monoteístas, quando não são (por exemplo, Platão, Bérgson, etc), e, como se verá a seguir, o politeísmo tem mais difusão entre os filosofos do que o monoteísmo. Em todo caso, para uma distinção rigorosa, cumpre ter em mente apenas o critério indicado (qual seja, a relação entre Deus e a divindade), que é o único que não se presta a equívocos.

**2.3.1. *Politeísmo*** Como vimos, devem ser consideradas politeístas todas as doutrinas que admitem de algum modo a distinção entre divindade e Deus, porque para essas doutrinas, a divindade pode ser compartilhada por um número indefinido de entes. Foi essa, sem dúvida, a doutrina de Platão. Em *Timeu*, o Demiurgo delega a outros deuses, criados por ele próprio, parte de suas funções criadoras, e em *Leis* a expressão "Deus" (*o theós*) designa a divindade em geral, que encontra realidade numa multiplicidade de deuses. Ademais, além dos deuses, são reconhecidos outros seres divinos, os demônios. "Depois dos deuses, o homem inteligente honra os demônios; depois destes, os heróis". Aristóteles, por sua vez julga que a mesma demonstração válida para a existência do primeiro motor vale também para a existência de tantos motores quantos são os movimentos das esferas celestes; e como o número das esferas era 47, segundo Eudóxio, e 55, segundo Calipo (os dois Astrônomos a quem Aristóteles se referia), esse filósofo admite 47 ou 55 divindades que, conquanto subordinadas ao primeiro moror, têm o mesmo

nível dele. Além disso, ele fala constantemente de "deuses", e, aludindo à convicção popular de que o divino abrange toda a natureza, acha que esse ponto essencial, ou seja, "que as substâncias primeiras são tradicionalmente consideradas deuses", foi "divinamente dito" e é um dos ensinamentos preciosos que a tradição salvou. Em outros termos, da substância divina participam muitas divindades; nisso coincidem crença popular e filosofia.

Por outro lado, não se deve confundir a insistência de Plotino e dos neoplatônicos em geral na *unidade* de Deus com o reconhecimento da unidade de Deus. Deus é uno, aliás é o Uno porque é a unidade do mundo e a fonte de onde brotam ou emanam todas as ordens da realidade. Mas justamente por isso não é único: a unidade não elimina a multiplicidade, mas a contém em si mesma. Aliás, para Plotino, a multiplicidade dos deuses é a manifestação da potência divina; "Não restringir a divindade a um único ser, mostrá-la tão múltipla quanto é em sua manifestação, eis o que significa conhecer a potência da divindade, que é capaz de, mesmo permanecendo o que é, criar uma multiplicidade de deuses que se ligam a ela, existem para ela e vêm dela". Obviamente, a multiplicidade de deuses em que a divindade se multiplica e se expande, sem realmente se dividir, não exclui uma hierarquia e a função preeminente de um deles (o Demiurgo ou o Motor de Platão, o Primeiro Motor de Aristóteles, o Bem de Plotino); mas o reconhecimento de uma hierarquia e de um chefe da hierarquia não significa absolutamente a coincidência entre divindade e Deus, não sendo, pois, monoteísmo.

**2.3.2. *Monoteísmo*** Como se disse, o monoteísmo não se caracteriza pela presença de uma hierarquia de seres e por um cabeça dessa hierarquia, mas pelo reconhecimento de que só Deus possui a divindade e que Deus e divindade coincidem. Nesse sentido, na história da filosofia, o monoteísmo comparece em Fílon de Alexandria, que afirma que Deus é solitário, é um em si mesmo e nada é semelhante a Deus; portanto, "ele está na ordem do uno e da mônada, ou melhor, é a mônada na ordem do Deus uno, já que todo número é mais recente que o mundo, e assim o tempo, mas Deus é mais velho que o mundo e seu Demiurgo". Nas discussões trinitárias da fase patrística e da Escolástica, a identidade de Deus com a divindade foi o critério dirimente para reconhecer e combater as interpretações que se inclinavam para o triteísmo. Por certo, a Trindade é constantemente apresentada como um mistério que a razão mal pode aflorar. Mas o que importa ressaltar é que a unidade divina só é considerada cindida quando, com a distinção entre Deus e a divindade, se admite, implícita ou explicitamente, que dela participam dois ou mais seres individualmente distintos. A melhor exposição desse ponto de vista pode ser vista em São Tomás, que assim resume uma longa tradição. "É evidente", dis São Tomás, "que aquilo pelo que algo singular é este singular de modo nenhum é comunicável a outras coisas. Por exemplo, aquilo pelo que Sócrates é homem pode ser comunicado a muitos outros seres, mas aquilo pelo que ele é este homem pode ser comunicado a este apenas. Se, portanto, Sócrates fosse homem com fundamento naquilo pelo que é este homem, assim como não pode haver mais de um Sócrates, tampouco poderia haver mais de um homem. Mas esse é precisamente o caso de Deus, já pois Deus é a própria natureza, de tal forma que Ele, sob o mesmo aspecto, é Deus e este Deus; é impossível, portanto, que haja mais de um Deus". Esse é o motivo pelo qual os teólogos medievais insistirem na *simplicidade* da natureza Divina, que na realidade nada mais significa do que a incomunicabilidade dessa natureza e, portanto, a impossibilidade de que ela seja compartilhada por mais de um Deus. A partir de São Tomás, a história da filosofia pouco acrescentou a esses conceitos. A decadência da especulação teológica tornou, alias, os filósofos

menos sensíveis à precisão desses conceitos, de tal modo que, com muita freqüência, as qualificações do monoteísmo e politeísmo são empregadas aleatoriamente, limitando-se o politeísmo a uma manifestação da mentalidade primitiva, conquanto ele seja, como se viu, uma alternativa filosófica em cujo favor está a tradição clássica e muitas das tentativas modernas de inovar o conceito de Deus.

**2.4.** ***A Revelação de Deus*** O quarto e último modo de distinguir as concepções de Deus consiste em considerar a via de acesso a Deus que essas concepções concedem, ou não, ao ser humano. A esse ponto de vista dizem respeito, especialmente, a distinção e a oposição entre deísmo e teísmo, que consistem, *grosso modo*, em considerar a manifestação de Deus como iniciativa do ser humano (deísmo) ou de Deus (teísmo). Portanto, é possível distinguir duas concepções: i) a que atribui à iniciativa do ser humano a ou uso das capacidades naturais de que dispõe o conhecimento que o ser humano tem de Deus; ii) a que atribui à iniciativa de Deus e à sua revelação o conhecimento que o ser humano tem de Deus. Obviamente, essas duas concepções podem combinar e dar lugar, a iii) para a qual a revelação só faz concluir e levar a cabo o esforço natural do ser humano para conhecer Deus.

O deísmo do século XVIII, assim como o seu precedente histórico, a doutrina da religião natural dos séculos XVI e XVII, contrapõe à revelação natural, que ocorre através da razão, chegando a ver o Evangelho (como Matteo Tindall) apenas "uma reprodução da lei da natureza". Obviamente, uma divindade que se revela à razão só tem e só pode ter caracteres racionais; por isso, o deísmo restringe os atributos da divindade aos que podem ser determinados pela razão a partir da relação entre Deus e o mundo. Em face disso, o teísmo, como diz Kant, "crê num Deus vivo, num Deus cujos atributos podem ser determinados por analogia com a natureza e com fundamento na revelação". É preciso, porém, ressaltar que, na terminologia filosófica predominante depois do Romantismo, utilizada sobre tudo pelo panteísmo, a "revelação de Deus" não é um fato histórico, mas manifestação progressiva de Deus na realidade natural e histórica do mundo. Além de predominar nas filosofias de Hegel e Shelling, esse significado é importante em filosofias do século XIX que obedecem à mesma inspiração. Rosmini apresenta como fundamento da filosofia e, em geral, do saber humano, a *idéia do ser*, que é revelação direta do atributo fundamental de Deus à mente do ser humano; de modo análogo, Gioberti considera como base do conhecimento a *intuição*, que é a revelação imediata de Deus ao ser humano.

Essa idéia tem trânsito em doutrinas díspares e também pode ser vista nas que acentuam ao máximo a transcendência de Deus e, portanto, vêem sua única revelação possível na inatigibilidade. Essa é a doutrina de Jaspers, para quem *o fracasso* inevitável do ser humano em sua tentativa de alcançar a Transcendência é a única revelação possível, a *cifra* da própria Transcendência".

***Análise Crítica*** Entendemos que os filósofos deram as mais variadas explicações, tentando explicar quem é Deus. Não há consenso entre eles. Nas suas mais variadas linhas filosóficas, suas doutrinas tiveram dificuldade para explicar, quais seriam as idéias prováveis e seguras que poderíamos confiar?

A meu ver os filósofos muito falaram, mas não conseguiram chegar a lugar nenhum, seria por exemplo: eles pegaram uma linha sem fim.

**3.** ***Na visão TEOLÓGICA, DEUS: Quem é?***

**3.1. *Segundo Claudionor, Deus é:*** "(Do heb. *Elohim*; do gr. *Theos;* do lat. *Deus*) Ser Supremo, Absoluto e Ifinito por excelência. Criador dos céus e da terra (Gn 1.1.). Eterno e imutável (Is 26.4). Onipotente, Onisciente e Onipresente (Jó 42. 2; Sl 139). Espírito (Jo 4.24). Ser incriado, é a razão primeira e última de tudo quanto existe (Jo 1.1-4)".

***Análise Crítica*** Entendemos que o Claudionor com poucas palavras, na sua visão, conclui com formeza: Deus é Espírito, um Ser Supremo, Absoluto, Infinito, Criador, Onipotente, Onipresente, Onisciente, Eterno, Imutável.

Concordo plena mente com o Claudionor.

**3.2. *Segundo Davis, Deus é:*** "Nome da Suprema Divindade que os seres humanos invocam e adoram. A palavra grega que em o Novo Testamento traduz o objeto de adoração, é Espírito. A palavra hebraica do Antigo Testamento que por sua vez representa esta idéia, leva-nos a pensar na força geradora de todas as causas. Nos lábios cristãos, portanto, a palavra Deus designa fundamentalmente o Espírito poderoso que é adorado, e cujo auxílio invocamos. A idéia primária respeito de Deus, em que se resume a palavra deísmo, é o produto da revelação que Deus fez de Si mesmo à humanidade no plano da natureza. As verdades que esta revelação envolve, são continuamente reiteradas nas Escrituras, enriquecidas e aprofundadas nelas; porém, essas verdades não pressupõem a revelação fundamental de que se ocupam as Escrituras a grande revelação da graça de Deus para com os pecadores. Os planos da natureza nos ensinam somente o que Deus necessariamente é, e o que, em virtude de seus atributos essenciais, Ele pode fazer. Somente uma revelação especial poderia assegurar-nos o seu infinito amor libertando-nos da culpa, tirando-nos da miséria e abençoando-nos com a dulcíssima comunhão com Ele. E para que a revelação plena da sua graça, na redenção dos pecadores, se manifestasse, necessário era que se desvendasse mais positivamente o modo de sua existência pelo qual Ele ultimamente Se manifestou, incluindo na unidade de seu Ser, uma distinção de pessoas. Nelas existe o mesmo Deus, de quem procedem todas as coisas, por quem todas existem e subsistem. Nesta unidade *triúna*, a redenção da humanidade é provida pelo Pai, completada pelo Filho e aplicada pelo Espírito Santo. É somente pela manifestação do mistério supernal da Trindade que se completa a revelação da Essência Divina. O fato de não existir nenhum traço do mistério da Trindade na revelação geral do plano da natureza, é que este plano nada tinha a fazer com a redenção, que somente as profundezas da natureza Divina, podiam desvendar. E o Novo Testamento é que explicitamente nos revela esta redenção, porque o tempo havia chegado para se realizar o plano traçado em todo o Antigo Testamento. Finalmente, o tão inefável mistério aparece à mente escurecida da humanidade, quando o exigiam as necessidades do próprio plano da redenção, que se prendia à distinção das três Pessoas da Divindade, e que somente se poderia compreender nas fases da Trindade na Unidade. A natureza de Deus, portanto, tem-se manifestado em três graus correspondentes aos três planos da revelação. Deste modo, chegamos naturalmente a conhecer a Deus; primeiro como Espírito Infinito, ou o Deus da natureza; depois, como o Redentor dos pecadores, ou o Deus da graça; e, finalmente, como o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou o *Deus-Triúno*.

**a) *Deus, Espírito Infinito*** A convicção da existência de Deus, tem em si mesma as provas de uma verdade intuitiva. É crença universal que nasce no momento em que o ser humano concebe a idéia do "eu", como entidade

dependente e responsável, e que ao mesmo tempo implica a existência de um ser, de quem depende, e a quem dará conta de seus atos. Esta percepção imediata é confirmada por uma série de argumentos, chamados *provas teístas* e do mesmo modo, tudo quanto está compreendido na idéia de Deus. Estes argumentos baseiam-se na necessidade que sentimos de crer na existência real de um Ser, infinitamente perfeito, causa eficiente do universo, ator inteligente da ordem e das relações multíplices, observadas em toda a natureza, dotados com o sentimento do dever e de indelével sentimento de responsabilidade, para as quais deseja uma solução, e vivendo sob a influência de uma percepção intuitiva de uma justiça que não vê realizada. A evidência destas provas é reconhecida nas Escrituras, tendo em seu auxílio as manifestações, que Deus faz, no processo da redenção, acompanhadas em todas as fases, pela confirmação dos milagres. Por elas, aprendemos não somente que Deus existe, mas também, sob o princípio de uma causa suficiente, muito aprendemos acerca da natureza de Deus, que elas provam existir. Esta idéia desenvolve-se ainda mais, interpretando, de acordo com as nossas faculdades superiores e com o que a Ele instintivamente atribuímos, em grau elevado, todos os atos morais que atestam a nossa dignidade e excelência. Deste modo, chegamos a conhecer a Deus como Espírito Pessoal, infinito e eterno, em seu Ser, em sua inteligência, sensibilidade e vontade que a Ele pertencem. Os atributos que nEle reconhecemos, inclusive a sua existência própria, a sua independência, a sua unidade pessoal, imutabilidade, onipresença, infinita sabedoria e conhecimento, infinita liberdade e absoluto poder, infinita verdade, retidão, santidade e bondade, não somente as Escrituras os conhece, como brilhantemente os ilustra, pondo sobre eles o selo de uma revelação especial, e em todos os seus pormenores imprime a idéia de Deus.

**3.2.1. *Deus, Redentor dos pecadores*** Conquanto reiterando os ensinos referentes à natureza, como demonstração da existência e do caráter pessoal do Criador e Senhor de todas as cousas, as Escrituras dão especial relevo à graça ou ilimitado amor de Deus, manifestado em suas relações com as criaturas pecaminosas e dignas da condenação eterna.

O atributo divino do amor consumado, tem pequeno avanço na revelação, em proveito de outros atributos morais da Divindade. Para dar-lhe relevo, foi necessário desenhá-lo em um fundo escuro formado pelos atributos da justiça e santidade, com os quais se harmoniza. Deus não é representado nas Escrituras como perdoando o pecador, por tê-lo em pouco; nem ainda porque Ele seja exclusivamente o Deus de amor, de sorte que todos os outros atributos se enfraqueçam diante de sua ilimitada benevolência. Pelo contrário, a Escritura O representa movido a livrar o pecador da sua culpa e da sua miséria, porque Se apiedou das criaturas que fez, com tão intensa veemência, quanto é o seu aborrecimento ao pecado, e a justa determinação de castigá-lo com intolerável retribuição. Deste modo, dá completa satisfação à sua infinita justiça e ao seu ilimitado amor. A representação bíblica do Deus da graça inclui assim o desdobramento de todos os seus atributos morais; de sorte que, o Deus da Bíblia é apresentado, de acordo com esta idéia, superior a tudo quanto se possa imaginar.

Isto, e o mais que se possa dizer atribui-Lhe um senso moral, tão sensível e verdadeiro, que dá a conhecer, com absoluta exatidão, o caráter moral de cada pessoa presente à sua contemplação, com o grau preciso de satisfação ou reprovação. A infinitude de seu amor nos é apresentada, precisamente, em que, sendo nós ainda pecadores, Ele nos amou, ainda que, com toda a força de sua infinita natureza, reage contra o nosso pecado com ilimitado

aborrecimento e indignação. O mistério da graça reside justamente no impulso de um Deus que odeia o pecado e mostra misericórdia para com os miseráveis pecadores. A suprema revelação de Deus, como Deus de puro amor, é feita, revelando o modo de seu proceder a respeito da redenção, na qual Ele permanece justo, enquanto justifica o ímpio. Neste processo está envolvido o grande paradóxo, o Juiz infinitamente justo, substituindo o criminoso perante a sua própria lei, e o infinitamente bendito Deus, recebendo na sua própria pessoa, o castigo que o pecador merece.

**3.2.2. *Deus Pai, Filho e Espírito Santo*** Os elementos do plano de salvação se radicam em a natureza misteriosa da Divindade, em que coexiste, a distinção trinal de pessoas, com absoluta unidade de essência; e a revelação da Trindade, foi, por conseqüência, incidental para a execução deste plano, em que o Pai envia o Filho para ser a propiciação pelo pecado; e o Filho, voltando para a glória que tinha com o Pai, antes da criação do mundo, enviou o Espírito Santo para aplicar a sua redenção aos seres humanos. A manifestação deste fato fundamental da divina natureza, deteve-se até ao tempo em que se operou a redenção havia tanto tempo prometida: não em palavras, mas de fato, pelo aparecimento do Filho de Deus sobre a terra, e a subseqüente descida do Espírito Santo, enviado como seu representante. Logo no início do Ministério de Cristo, as três Pessoas se exibem à nossa vista, por ocasião do batismo de Jesus.

Apesar de não haver na Escritura uma simples passagem em que todos os pormenores deste grande ministério sejam compendiados e expostos, não faltam passagens em que as três Pessoas apareçam juntas, de modo a comprovar ao mesmo tempo a sua unidade e a sua distinção. A mais proeminente destas passagens é a fórmula do batísmo nas águas em nome de Deus trino, posta nos lábios dos apóstolos pelo Senhor ressuscitado, e a bênção apostólica em que as três Pessoas são mencionadas para graças diferentes.

Os elementos essenciais que entram nesta grande revelação do Deus Trino e que a completam, são geralmente considerados separadamente. O principal deles, são três fatos constitutivos: a) que existe apenas um Deus; b) que o Pai é Deus, que o Filho é Deus e que o Espírito Santo é Deus; c) e que o Pai, o Filho e o Espírito Santo é pessoalmente distintos um do outro por meio de pronomes pessoais, capazes de mandar e ser mandados entre si, de se amar e honrar mutualmente e assim por diante. A doutrina da Trindade é apenas a sítese destes fatos, e não lhes ajuntando nada mais, simplesmente reconhecem, na unidade de Deus, uma Trindade de Pessoas associadas na obra da redenção. Na prossecução desta obra se acham implicadas certas relações de subordinação nos modos de operar, sendo que o Pai manda o Filho, e o Filho envia o Espírito Santo; mas as três Pessoas são uniformemente representadas nas Escrituras, iguais em sua natureza essencial, cada uma igual a Deus que é bendito por todos os séculos. Devemos, portanto, conceber estas subordinações sob o ponto de vista econômico, i é, relativo às funções de cada Pessoa na obra da redenção, e não como envolvendo diferenças de natureza".

***Análise Crítica*** Davis explicou com muita clareza, quem é Deus. Na opinião dele, Deus é o redentor dos pecadores e, triùno: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Concordamos com ele. Porque Deus é a Trindade que criou e sustenta todo o universo.

**3.3. *Segundo Langston, Deus é:*** "Ele O classificou em: `***A IDÉIA CRISTÃ DE DEUS***`.

**3.3.1. *Considerações preliminares*** Nesta primeira parte do nosso estudo consideraremos a revelação cristã de Deus, as razões por que cremos na sua existência, o seu modo de existir e de revelar-Se, e a sua relação para com o universo. Esta parte da teologia é de suma importância, porque a idéia que temos de Deus determina não só a natureza da nossa religião, suas características, etc, como também a firmeza da nossa teologia. Descrever Deus é, a um tempo, descrever a nossa teologia e definir a nossa religião. Um sistema religioso é forte ou fraco, segundo a sua idéia de Deus. Isto é, se a idéia de Deus é parcial, imperfeita, assim será também o sistema em seu todo. Por outro lado, se a idéia é verdadeira, digna e correta, o sistema será igualmente verdadeiro, digno e correto. Passemos, então, à discussão da matéria, reconhecendo de antemão a nossa fraqueza, confessando a nossa falta de capacidade e pedindo o auxílio dAquele que almejamos conhecer e descrever. É neste assunto que necessitamos de todas as qualificações para o descobrimento da verdade, porque, se erramos aqui, o resto do nosso assunto, certamente, será eivado de erro. Revistamos-nos de humildade e dum espírito de devoção e diligência verdadeiramente cristãs. "Deus tenha misericórdia de nós e nos abençoe; e faça resplandecer o seu rosto sobre nós, para que se conheça na terra o seu caminho, e entre todas as nações a sua salvação" (Sl 67.1,2).

Para conveniência do nosso estudo, desejamos dar uma definição da idéia de Deus, após o que procuraremos desenvolver, em pormenores, a definição apresentada. Cremos que assim será possível chegar a uma idéia do assunto.

**3.3.2. *Uma definição de Deus*** O tema é por demais vasto e sublime para uma definição completa e satisfatória; temos, porém, na revelação cristã, o material necessário para uma definição cristã de Deus.

Somos justificados, portanto, em tentar essa definição, sabendo, embora, desde o princípio, que, forçosamente, ela hpa de ser um tanto imperfeita. Ao finito não cabe definir o infinito. Ainda assim, tem valor a tentativa, porque ainda que se não consiga inteiramente atingir o alvo colimado, só o ato de procurar definir alguma coisa sempre mais clara ao que empreende fazê-lo. A nossa justificação, por isso, está em que, tentando nós definir Deus, poderemos alcançar a respeito dEle uma idéia mais clara e adequada.

Entende-se por definição de Deus aquilo que se baseia na revelação cristã, ou em Cristo. Descobrir a idéia que Jesus tinha com referência a Deus é nossa tarefa. Sabemos que Jesus veio a este mundo a fim de revelá-Lo aos seres humanos, e sabemos também, com certeza, que cumpriu a sua missão, porque Ele mesmo dissera aos discípulos certa ocasião: "Quem me vê a mim, vê o Pai". Devemos, pois, trabalhar com denodo a fim de descobrir o que Jesus revelou acerca de Deus, por isso que, se alcançarmos isto, estaremos seguros de haver atingido a verdadeira idéia de Deus e um fundamento sólido para a nossa teologia sistemática.

Quanto ao método que vamos seguir nesta definição, será o mesmo usado por Jesus Cristo. Jesus não enunciou, um a um, os atributos de Deus, mas serviu-se de expressões compreensíveis e dos fatos mais importantes a seu respeito. O método de Jesus era mais sintético do que analítico, mais sugestivo que exaustivo. Jesus procurou dar uma idéia clara e precisa de Deus, mas não uma idéia analítica. É o mesmo método que desejamos adotar procurando dar uma definião de Deus, definição que não terá por fim esgotar o assunto, porque ninguém jamais conseguiu esgotá-lo. Limitar-nos-emos

muitas vezes a simples sugestões em razão da impossibilidade de incluir numa definião tudo quanto dela deveria fazer parte. Trataremos, por isso, de selecionar e discutir os elementos essenciais acentuados pelo próprio Jesus, e assim poderemos adquirir uma noção mais perfeita de Deus.

A nossa definição de Deus é a seguinte: *Deus é Espírito Pessoal, perfeitamente bom, que, em santo amor, cria, sustenta e dirige tudo*.

Esta definição envolve os seguintes pontos, que passaremos a discutir: a) a natureza de Deus: Ele é Espírito Pessoal; b) o caráter de Deus: Ele é perfeitamente bom; c) a relação de Deus para com o universo: cria, sustenta e dirige tudo; o motivo de Deus em suas relações para com tudo quanto existe: santo amor.

Estes pontos mencionados nos servirão de esboço para o desenvolvimento do assunto que temos em mira: A idéia cristã de Deus.

### 3.3.3. *A Natureza de Deus - Deus é Espírito Pessoal*

**3.3.3.1. *Espírito*** Coisa muito difícil é definir o espírito. Alcança-se mais, às vezes, pelo lado negativo, isto é, *dizendo o que não é*. Principiamos, portanto, dizendo que o espírito não é material, nem da matéria procede. Não há possobilidade de reduzir à matéria o espírito. Há, entre um e outro, uma barreira intransponível. São de natureza diametralmente opostas. Esta definição negativa, porém, não nos satisfaz inteiramente, porque por ela ficamos cientes do que o espírito não é, e não daquilo que ele é. Desejamos saber o que o espírito é, por isso procuraremos uma definição no sentido positivo.

Há uma idéia muito comum, de que o ser humano tem alma ou espírito, na realidade, o ser humano não é outra coisa senão alma ou espírito. É o ser humano que tem corpo. É o ser humano que pensa, que sente. A matéria não tem raciocínio, nem sentimento, nem vontade. O ser humano é constituido de certos poderes, que não pertencem ao corpo, mas ao próprio ser. Por isso a nossa compreenção de Deus como Espírito Perfeito depende, da compreenção que temos de nós mesmos. Diz-nos a Bíblia que o ser humano foi feito à imagem de Deus. E, assim sendo, uma das melhores maneiras de conhecer a natureza de Deus é conhecer a nossa própria natureza. Como espírito que somos, dotados dos poderes de pensar, de amar e de querer, temos razão de crer que Deus tem os mesmos poderes que caracterizam o nosso espírito. Uma das maiores dificuldades que se nos deparam, quando procuramos pensar no espírito é que sempre temos pensado no ser humano como tendo certa forma; porém é tão fácil, depois de acostumarmos, pensarmos em certos poderes como antes nos era o pensarmos na forma. É como fazemos a respeito da eletricidade: não lhe damos forma, porém pensamos nela em termos de poder, energia. Assim é que devemos fazer em relação ao espírito: pensar nele em termos de poderes, e estes poderes são: pensar, amar e querer.

Deus é, um Ser que sabe, que sente e que tem vontade própria. Não será mais necessário definir o espírito, se dermos o devido valor aos poderes espirituais que temos, isto é, aos poderes de pensar, amar e querer.

O espírito, é um ser real, verdadeiro, mas invisível, constituído dos poderes de pensar, sentir, querer e, os de consciência própria.

Quanto à essência do espírito, nada podemos declarar, porque nada sabemos, senão o que aprendemos das suas manifestações mediante os poderes já mencionados. A essência do espírito, como a da vida e da eletricidade, é coisa desconhecida. Isto, porém, não quer dizer que o espírito é desconhecido, porque assim como conhecemos a vida e a eletricidade pelas

suas manifestações, igualmente conhecemos o espírito.

É desnecessário citar passagens da Bíblia para provar que Deus é Espírito, visto como toda a Bíblia, e especilamente o Novo Testamento, do princípio ao fim, está repleta de ensinamentos que abonam este asserto. Verdade é que no Antigo Testamento Deus se apresenta debaixo de certas formas, mas nunca se confunde com a matéria. O ensinamento da Bíblia é que Deus é Espírito, "e importa que os que O adoram, O adorem em espírito e em verdade".

Comvém que notemos, que, além de Espírito, Deus é Espírito Perfeito. Seus pensamentos são perfeitos, seus sentimentos purríssimos, sua vontade santa e perfeita, sua consciência própria, e absoluta a sua determinação.

Não queremos dizer com isso que um espírito perfeito é aquele cujos poderes sejam perfeitos, mas antes um espírito no qual se realizem também um perfeito equilíbrio e perfeita harmonia entre todos os poderes. Assim é4 com Deus. NEle não há desequilíbrio entre os poderes de pensar, sentir e querer. Cada um deles, ou todos juntos, desempenham de maneira perfeitíssima as suas funções.

Cada ato de uma pessoa exige a ação proporcional de cada uma dessas faculdades. Mas como no ser humano, por ser ele imperfeito, não estejam elas em perfeito equilíbrio e harmonia, daí a razão de serem imperfeitos todos os seus atos. Numa pessoa que se deixe dominar principalmente pelos sentimentos, todos os seus atos se orientam pela paixão, e, ela vai até a loucura. Noutra predomina o poder de pensar, e ainda noutra, o querer; e, operando estes poderes desarmonicamente, só podem levar a pessoa a produzir atos imperfeitos. Em Deus não é assim. NEle todos estes poderes são equilibrados e harmônicos, como já o dissemos. O seu conhecimento é perfeito, perfeito o seu sentir e perfeita a sua vontade; por isso, são também perfeitos os seus atos. Deus com Espírito tem todos os poderes de um espírito, no mais alto grau de desenvolvimento e perfeição. NEle não se pode idear nenhum outro meio de aperfeiçoamento dos poderes de pensar, querer e sentir. Pois é tudo quanto pode ser: *Deus é perfeito*.

**3.3.3.2. *Pessoal*** Parece, desnecessário este vocábulo "pessoal", visto já estar ele envolvido na palavra e na concepção de "espírito". Acho, conveniente enfatizá-lo porque para muitos o termo *espírito* é um tanto vago. Entende-se por espírito pessoal um ser que pensa, sente, quer e que tem o poder de consciência própria e de direção própria. Espírito pessoal é um espírito constituido destes poderes. Notemos agora alguma coisa a respeito da consciência própria e da direção própria.

**3.3.3.2.1. *Consciência própria*** Significa mais do que o termo "consciência" no sentido em que de ordinário o empregamos. Consciência própria quer dizer que a pessoa tem de estar cônscia de si mesma. Este poder de conhecer-se a si mesmo é peculiar a um espírito, a uma pessoa. Tal faculdade não a possui nenhuma outra criatura de Deus. Podem os animais estar cônscios de qualquer coisa derredor deles, mas somente ao ser humano - digamos melhor, ao espírito - é dado fixar o pensamento em si mesmo e chegar-se a si próprio.

Consciência própria não somente quer dizer o espírito cônscio de si mesmo, mas também que pode conhecer-se a si mesmo. O ser humano tem o poder de sondar o próprio ser, pesquisá-lo, até descobrir-se a si mesmo. Pelo poder de pensar é ao ser humano possível *viajar* o próprio interior, fazer longas excursões no seu íntimo e assim conhecer-se mais e mais. Se bem que tenhamos mapas do mundo e dos céus, ninguém jamais conseguiu fazer um mapa completo da alma humana. O mundo dentro de nós é vasto, graças a

Deus, temos o poder de conhecê-lo e este poder é o que denominamos consciência própria.

Os gregos eram, o povo mais adiantado e de mais cultura, intelectualmente falando. Tudo quanto era dado ao ser humano conhecer, eles conheceram. Muitos filósofos da atualidade ainda se inspiram no pensamento dos gregos e na filosofia grega. O pensamento mais elevado, que representa o ponto culminante da intelectualidade grega, acha-se expesso nestas palavras: "Conhecer-te a ti mesmo".

Reconheceram eles a grandeza da alma humana e, ao mesmo tempo, o poder que o ser humano tem de conhecer-se a si mesmo; mas nem eles, nem qualquer outro povo, conseguiram traçar um mapa pelo qual se estudassem as misteriosas profundezas da alma humana. À grande tarefa se propuseram os gregos. Só uma há que a excede, é a tarefa de conhecer a Deus. Constantemente ficamos surpresos diante das coisas novas que, aprendemos de nós próprios. Há vastas regiões no interior da nossa alma, ainda desconhecidas; mas, graças a Deus, tem o ser humano o poder de conhecer a si mesmo e os segredos mais profundos de sua personalidade. A consciência própria é, portanto, um dos poderes mais preciosos dos que constituem um espírito pessoal.

A consciência própria é perfeita em Deus. Deus conhece a si mesmo. Ele conhece o seu interior e exterior, em todas as relações imagináveis. Nunca houve, nem há e jamais haverá surpresa alguma para Deus. Ele conhece a sua própria mente, e sua própria vontade. Deus sabe o que era, o que é, e o que há de ser. O conhecimento que Deus tem de si mesmo é perfeito.

Um espírito pessoal é, um ser constituído dos poderes de saber, querer e sentir, que tem, o poder de conhecer-se a si mesmo.

**3.3.3.2.2. *Direção própria*** A segunda qualidade ou característica de um espírito pessoal é a direção própria. Este poder baseia-se no de conhecimento próprio. Como há de alguém ter direção própria, se não se conhece a si mesmo? Só um ser que se conhece a si mesmo está em condições de dirigir-se, de ter direção própria. Não pode dirigir bem um automóvel, quem não conheça bem o seu maquinismo. Assim é a própria pessoa..

Direção própria quer dizer que a pessoa se dirige a si mesma e não é dirigida por outrem, como o automóvel é. Direção própria quer dizer que a pessoa é *autônoma.* Tudo o que é necessário à direção própria acha-se dentro da própria pessoa. Não é mister coisa alguma de fora a quem queira dirigir-se a si mesmo.

Devemos notar que estamos discutindo aqui o poder de direção como um dos elementos de que se constitui o ser humano, e não o poder que se acha na vida moral de qualquer pessoa.

A direção própria em Deus é uma bênção. Nenhuma circunstância exterior determina ou influi nos planos ou nos atos de Deus. NEle mesmo está o motivo e a explicação de tudo o que faz. Para explicar-se um ato de um ser humano, é muitas vezes necessário que se tomem em consideração muitas circunstâncias de fora que exercem influência ba sua decisão. Não é assim com Deus. O motivo e a explicação de tudo Ele faz nEle mesmo. Jesus diante de seus algozes é um exemplo disso. Ele nunca perdeu a serenidade e a direção própria.

Se por um pouco considerarmos a direção própria no ser humano, adquirimos idéia mais perfeita da glória e da sublimidade da direção própria de Deus. O poder que tem o ser humano de dirigir-se é naturalmente limitado. A direção no ser humano não é absoluta. Há muitas ciscunstâncias exteriores que influem nos seus atos e na direção que dá à vida.

No Salmo 1º exorta-nos o Salmista a que não nos deixemos dirigir pelo conselho dos maus. "Feliz são aqueles que não se deixam levar pelos conselhos dos maus, que não seguem o exemplo dos que não querem saber de Deus e que não se juntam com os que zombam de tudo o que é sagrado" (Sl 1.1). Ninguém deve entregar a direção de sua própria vida às coisas ou circunstâncias que o rodeiam, porque o poder de direção própria indica que o ser humano é superior ao meio em que vive. Não devemos, por isso, rebaixar-nos ao ponto de entregar a direção da nossa vida a outra qualquer pessoa, ou coisa, ou ciscunstância. Infelizmente é o que muitas vezes sucede: o ser humano é dirigido, ao invés de dirigir-se a si mesmo.

Temos muitos exemplos de pessoas que são dirigidas: o alcoólatra é dirigido pelo vício de beber; o jogador, pelo lucro vil; o adultero, pela paixão sexual; o assassinio, pelo ódio; e assim todos estes e muitos outros estão escravizados e subjugados pelos vícios ou pelos sentimentos baixos que envilecem o ser humano. Jesus disse que aquele que comete o pecado é escravo do pecado. "Jesus disse a eles: Eu afirmo a vocês que isto é verdade: quem peca é escravo do pecado" (Jo 8.34). A tentação de Jesus, no tocante a este assunto, é muito interessante. O diabo fez tudo o que lhe era possível por desviá-Lo do caminho e dar-Lhe nova direção na vida de Jesus, mas Ele resistiu-lhe e deu à sua vida a direção que achou melhor.

Quantas vezes o ser humano se torna menos semelhante a Deus pelo fato de ser dirigido, ao invés de dirigir-se a si mesmo. É pela perda desta direção própria que o ser humano se aproxima mais e mais dos brutos, sem, no entanto, chegar a ser um deles.

Vimos que a direção no ser humano é muito falha, imperfeita e falível. Muitas pessoas há completamente escravizadas. O ser humano natural é como aquele rei da antiguidade, atado ao carro do seu vencedor: prendem-no ao vício e ao pecado, e o levam acorrentado. Em Deus, não é assim. A sua direção própria é absolutamente perfeita. Nada há fora que lhe modifique a direção da vida. Há nEle, na sua Pessoa, motivo e explicação para tudo quanto faz. Deus, e somente Deus, se dirige a si mesmo numa perfeição absoluta.

Concluímos, então, que Deus é Espírito Pessoal, porque tem o poder de pensar, sentir, querer, e porque tem o poder de conhecer-se a si mesmo perfeitamente e de dirigir-se soberanamente. Os seus pensamentos altíssimos, os seus sentimentos puríssimos, a sua vontade santíssima, o seu conhecimento de si mesmo perfeitíssimo, a sua direção absoluta. Portanto, Deus é Espírito Pessoal Perfeito.

**3.3.3.4.** ***O Caráter de Deus - Deus é Espírito Perfeitamente Bom*** A segunda parte do nosso estudo da definição de Deus é a que trata do seu caráter. Definindo o caráter de Deus, dissemos que Ele é perfeitamente bom. Façamos algumas considerações em torno desta idéia.

O termo - bom - quando empregado com referência a Deus, não esclarece tudo, porque este vocábulo já perdeu a força da sua significação, devido ao seu uso muito generalizado. Deus não é bom como o ser humano é bom. A bondade dEle é outra, muito diferente. "Certo líder judeu perguntou a Jesus: Bom Mestre, o que devo fazer para conseguir a vida eterna? Jesus respondeu: por que você me chama de bom? Só Deus é bom, e mais ninguém" (Lc 18.18,19). É no sentido em que Jesus empregou essa palavra, e não no sentido em que a usou o líder judeu, que vamos estudar o caráter de Deus. Bom como Deus não há ninguém. Este termo "bom", segundo a idéia de Jesus, fala de uma excelência moral elevada, muito além de tudo quanto um sentimento bom aprova.

Quando se aplica o termo "bom" a uma pessoa, não se faz referência a uma

só qualidade, mas a todas que ela possui. Da mesma maneira, quando o aplicamos a Deus, referimo-nos a todas as excelências morais do seu caráter.

Não há entre os seres humanos uma pessoa tão boa quanto deveria ser. Mas assim não é um Deus, a quem atribuímos tudo o que é bom, todas as qualidades morais que podem exornar um espírito. A sua bondade não se mistura com o mal, nem é suscetível de alguma falha. O "bom" em Deus é perfeito: nada há de mais nem de menos em seu caráter. Deus não é bom para alguns e mau para outros. Ele é o mesmo para todos e em tudo: na sua essência, na sua natureza, no seu sentimento, nos seus desejos, nos seus planos, nos seus atos, nos seus pensamentos; enfim, Deus é bom em tudo.

Os melhores seres humanos são, não raro, bons só em certas relações: alguns para a família, outros para a pátria, e ainda outros para o amigo. Deus, porém, é bom para todos, até mesmo para os seus inimigos - os pecadores. Partindo da idéia que se pode fazer da bondade mais elevada da raça humana, temos de levar-nos muito ainda para alcançarmos a idéia da bondade de Deus, porque é bondade que ultrapassa a toda imaginação humana. Não há realmente comparação entre bondade Divina de Deus e a humana; há, antes, um frisante constrate. Não há ninguém bom contra Deus.

A idéia da bondade perfeita de Deus é o âmago da revelação cristã. No Antigo Testamento não transparece tanto a bondade de Deus como no Novo Testamento. Muitas vezes era necessário que Deus se revelasse dum modo imprevisto e um tanto rude ao povo da antiguidade, tal como vemos por ocasião do dilúvio; mas na revelação cristã do Novo Testamento depara-se-nos a manifestação suprema da bondade perfeita do Criador.

A própria natureza nos ensina alguma coisa acerca da bondade de Deus, é, porém, na vida, no caráter e na morte de Jesus que temos dela a expressão máxima, a expressão mais sublime e gloriosa. Só na vida é que se pode revelar completamente o caráter de Deus. Quem, pois, quiser saber se Deus é bom ou não, deve acompanhar Jesus em seus sofrimentos, em seus trabalhos e em seu sacrifício. Deve procurar compreender a razão da sua morte e a glória da sua ressurreição, porque só em Jesus é que temos plenamente revelada a bondade perfeita de Deus. "Mas Deus nos mostrou o quanto nos ama: Cristo morreu por nós quando ainda vivíamos no pecado" (Rm 5.8).

Quando se diz que alguém é bom, exprime-se tudo o que é possível a seu respeito, porque o termo "bom" inclui todas as qualidades boas, todos os nobres predicados dum caráter. Dizer que uma pessoa é boa é dizer tudo numa só palavra. É tecer-lhe o mais belo elogio. Assim é quando aplicamos o termo - bom - com referência a Deus; dizer que Ele é bom é dizer tudo o que há de sublime a respeito do seu caráter; é resumir todas as suas qualidades, todos os seus predicados numa só palavra. Deus é bom porque possui todas as qualidades boas, e nEle estas boas qualidades atingem o mais alto grau de perfeição. Deus não pode ser melhor do que é, e nem é possível imaginar-se outra bondade mais sublime que a sua. É Ele a Pessoa ideal, o excelso padrão de toda a excelência moral. Deus é bom como ninguém é.

### 3.3.5. *A Relação de Deus para com o Universo - Deus Cria, Sustenta e Governa Tudo.*

**3.3.5.1.** ***Deus cria tudo*** O verbo criar, na vida prática, tem dois sentidos distintos: fazer existir o que nunca existiu, e multiplicar o que já existe. No primeiro capítulo de Gênesis a palavra aparece em ambos os sentidos. "No começo Deus criou os céus e a terra" (Gn 1.1.), isto é, Deus fez existir o que nunca antes existira em forma alguma. Declara-nos também a Bíblia que Deus fez a terra e as águas pruduzirem, e assim encontramos as duas idéias: a de

fazer existir o que nunca existira, e a de multiplicar o já existente. Não nos devemos esquecer jamais de que Deus é o Criador, tanto num como noutro sentido. Tudo quanto existe é criação de Deus.

Já vimos a primeira idéia da criação no primeiro verso de Gênesis; a segunda idéia temo-la expressa nos versículos (11 e 12), a saber: "Em seguida Ele disse: Que a terra produza todo tipo de vegetais, isto é, plantas que dêem sementes e árvores que dêem frutos! E assim aconteceu. A terra produziu todo tipo de vegetais: plantas que dão sementes e árvores que dão frutas. E Deus viu que o que havia feito era bom".

Tornam-se necessárias algumas palavras de explicação sobre o modo de Deus criar. Há, em geral, dois extremos opostos no modo de pensar sobre a criação narrada por Moisés no primeiro capítulo de Gênesis. Um dos extremos é o de considerar cada coisa nova que aparece como uma criação distinta, sem relação alguma com o procedente. O outro extremo não é o de fazer existir o que nunca existiu, mas apenas uma evolução ou desenvolvimento daquilo que já existia desde a eternidade. São estes os dois extremos, e ambos errados. Cada um, porém, tem uma parte de verdade. As Escrituras reconhecem os dois processos. A Bíblia ensina que Deus fez existir o que nunca existiu em tempo algum e em forma alguma, e também que Ele, na sua obra criadora, fez uso do que já tinha criado. Deus fez existir o que nunca havia existido, mas, depois de existir pelo ato da criação, fez a terra produzir erva. Deus é o Criador tanto da erva como da terra.

A maior criação, não há contestar, é a do ser humano. Na formação do corpo humano, Deus aproveitou o pó já existente. Não vamos, portanto, a um nem a outro extremo da questão, porque a verdade se acha no meio. Deus criou, e Deus desenvolveu a sua criação. "Por meio da Palavra, Deus fez todas as coisas, e nada do que existe foi feito sem Ela. A Palavra era a fonte da vida, e essa vida trouxe a luz para todas as pessoas" (Jo 1.3,4). "Pois, por meio dEle, Deus criou tudo, no céu e na terra, tanto o que se vê como o que não se vê, inclusive todos os poderes espirituais, as forças, os governos e as autoridades. Por meio dEle e para Ele, Deus criou todo o Universo" (Cl 1.16). "Pois todas as coisas foram criadas por Ele, e tudo existe por meio dEle e para Ele. Glória a Deus para sempre! Amém!" (Rm 11.36).

**3.3.5.2. *Deus sustenta tudo*** Declara-nos a Bíblia que Aquele que criou o Universo é também quem o sustenta. A causa que originou é a mesma que preserva tudo o que foi criado. Uma das maravilhas do Universo é a força que o preserva e sustenta. Sabemos que o Universo consiste não somente do nosso planeta, mas também de muitos sistemas planetários. Sabemos, ainda mais, que os planetas estão em movimento, girando com precisão jamais atingida por nenhum invento ou engenho humano. Querendo os seres humanos certificar-se da hora exata, consultam o sol. Os planetas não se adiantam nem se atrasam em sua marcha desde os primeiros dias da criação. A prova disso é que os astrônomos podem calcular, com toda a precisão, o dia, a hora e até o segundo em que se vai dar um eclipse, e isto muitos anos antes do seu aparecimento.

O Universo é vastíssimo. Há estrelas tão distantes do nosso planeta, que, não obstante a sua luz percorrer cinqüenta mil quilômetros por segundo, ainda assim essa luz gastaria milhares de anos para chegar a terra.

Ficamos admiradíssimos quando consideramos a força necessária para sustentar e mover os planetas do Universo. Para impedir qualquer maquinismo, gasta-s, como temos observado, muita energia; quanta força é necessária para fazer girar todos os sistemas planetários de que se compõe o Universo? Quanta força há si gasta desde o primeiro dia? Nunca faltou

energia para mover e sustentar os planetas. De onde vem essa força?

Toda a força vem de Deus. Ignoramos a maneira por que Ele sustenta em movimento tantos mundos muitas vezes maiores do que o nosso. Afirmamos, porém, que, além da força para sustentar todo o Universo, Deus tem ainda os recursos necessários para prover a sua criação de todas as coisas essenciais à sua existência. Como um pai cuida da família, assim faz Deus em relação ao Universo. A Bíblia declara-nos que nenhum passarinho cairá por terra sem que Deus o saiba. Diz-nos ainda o Salmista que este mesmo Deus é o nosso Pastor e que, por isso, nada nos faltará (Sl 23.1).

**3.3.5.3.** ***Deus governa tudo*** Consideremos, a seguir, o fato de que Deus, além de sustentador, é também o goverrnador do Universo. Deus governa tudo, e esta é a razão por que se dá o nome de universo a todos os sistemas de mundos espalhados na imensidade do espaço. Universo, sim, porque obedece à direção dum governador, que é Deus. Tudo o que existe colima um alvo fixado por este Governador, e não há dúvida alguma de que Ele levará a sua criação ao alvo desejado. Para esse fim Deus está dirigindo tudo. Não há planeta errante, sem direção, porque todos eles obedecem a um plano fixado por Deus, o Criador, Sustentador e Governador de todas as coisas. Para o ser humano bom, o pensamento do que Deus governa tudo deve ser de grande consolação. Ensina-nos a Bíblia que Deus governa tudo. Entre outras passagens, devemos ler o (Sl 105.13-22), que diz: "Andavam de país em país, de reino em reino. Mas Deus não deixou que ninguém os maltratasse e, para protegê-los, avisou reis. Ele disse: `Não toquem nos servos que Eu escolhi; não maltratem os meus profetas`! Deus fez com que houvesse fome na terra deles e deixou o seu povo sem alimento. Então mandou na frente deles um homem chamado José, que havia sido vendido como escravo. Os seus pés foram presos com correntes, e no seu pescoço puseram uma coleira de ferro. José ficou na prisão até que se cumpriu o que Ele tinha dito. A palavra do SENHOR Deus provou que José estava certo. Aí o rei do Egito mandou soltá-lo; o Rei de muitas nações o pôs em liberdade. Ele o colocou como a mais alta autoridade daquela terra, para governar o país inteiro. José recebeu poder para dar ordens aos príncipes do reino e para orientar os conselheiros do rei".

**3.3.6.** ***O Motivo de Deus em Relação à Criação - o Motivo de Deus é Santo Amor*** Deus, *em santo amor*, criou, sustenta e governa tudo. O motivo de Deus em todas as suas ações é santo amor, como já ficou dito quando discutimos a perfeição do seu caráter. Desejamos aqui enfatizar mais este motivo de Deus em sua obra criadora, porque a nossa idéia de Deus depende, em parte, do motivo que Lhe atribuímos nas suas atividades. O motivo é que nos certifica da perfeição da sua bondade. Mas a idéia cristã de Deus inclui e acentua o seu motivo. Cristo, na sua vinda a terra, revelou, em termos claros e preciosos, o motivo de Deus relativamente à sua criação. "Porque Deus amou o ser humano tanto, que deu o seu único Filho, para que todo aquele que nEle crer não morra eternamente, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).

A nossa definição estabelece que o motivo de Deus, todos os seus atos, é santo amor. Há amores que não são santos, e nem podem ser santificados; amores cujos motivos não são dignos, não são justos. Há motivos interesseiros e amores que levam a pessoa à destruição e à ruína completa. Assim não é, o amor de Deus, porque o amor de Deus é santo; isto é, um amor de acordo com o seu caráter perfeito. O maor de Deus em nenhum ponto está em contradição com a sua natureza de perfeita bondade. É o amor santo de um caráter santo. O santo amor de Deus significa a identificação da sua bondade com o desejo ardente de melhorar a criação. Por causa deste amor santo, é da vontade de

Deus que haja o melhor Universo possível e o mais perfeito desenvolvimento da sua criação. Quando Deus criou o Universo, o seu amor não deixou passar despercebidas as necessidades da criação. É por isso que afirmamos que Deus em santo amor criou o Universo, em santo amor sustenta o Universo e em santo amor governa o Universo.

Há quem diga que o Universo não prova que foi criado e que está sendo sustentado e governado em santo amor. Dizem que, na observação das coisas que nos rodeiam, vê-se que o Universo não revela o santo amor de Deus quanto à criação, nem quanto à forma por que está sendo dirigido e governado. Essas observações, demonstram-se imperfeitas e superficiais, e, evidenciam-se parciais; porque, tirante o próprio ser humano e a influência que ele exerce, tudo o mais que existe no Universo prova o santo amor de Deus. Respondendo aos que criticam este asserto, diremos que o cristianismo não aprendeu esta verdade apenas do universo físico, mas também de Jesus. Ele foi quem ensinou que Deus em santo amor criou, sustenta e governa tudo. O cristianismo alimenta a esperança de que há de chegar o dia em que o universo inteiro, inclusive o ser humano, há de confirmar esta verdade, e certamente isto acontecerá.

Não nos devemos esquecer de que o plano du Universo é muito grande, é imenso; e, devido a isto, o que parece defeito, talvez seja tido como elemento de perfeição quando seja encarado do ponto de vista do conjunto, isto é, total. Os que só vêem mal no Universo estão, mais ou menos, nas mesmas condições daqueles três cegos que quiseram conhecer o elefante; o primeiro, ao apalpá-lo, tocou casualmente na cauda, e concluiu que o elefante é um animal muito delgado e comprido; apalpando-o do lado, o segundo, asseverou que o elefante era semelhante a uma parede; o terceiro, que tateou a cabeça, julgou-o arredondado. Começaram depois a comentar a forma do mamífero-monstro, dizendo cada qual a verdade conforme o seu conhecimento; mas a idéia que todos tinham dele era muito imperfeita, por isso que parcial, unilateral. Assim somos nós e são nossas idéias relativamente ao Universo. Parece-nos a nós, cá do nosso cantinho, que não há amor na criação, nem na direção do Universo. Jesus, porém, que conhece todo o plano e vê todas as coisas em seu conjunto, disse que amor santo é o grande motivo de Deus, é o seu grande móvel em criar, sustentar e dirigir o Universo. "Eu penso que o que sofremos durante a nossa vida não pode ser comparado, de modo nenhum, com a glória que nos será revelada no futuro. O Universo todo espera com muita impaciência o momento em que Deus vai revelar o que os seus filhos realmente são. Pois o Universo se tornou inútil, não pela sua própria vontade, mas porque Deus quis que fosse assim. Porém existe esta esperança: um dia o próprio Universo ficará livre do poder destruidor que o mantém escravo e tomará parte na gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois sabemos que até agora o Universo todo geme e sofre como uma mulher que está em trabalho de parto. E não somente o Universo, mas nós, que temos o Espírito Santo como o primeiro presente que recebemos de Deus, nós também gememos dentro de nós mesmos enquanto esperamos que Deus faça com que sejamos seus filhos e nos liberte completamente. Pois foi por meio da esperança que fomos salvos. Mas, se já estamos vendo aquilo que esperamos, então isso não é mais uma esperança. Pois quem é que fica esperando por alguma coisa que está vendo? Porém, se estamos esperando alguma coisa que ainda não podemos ver, então esperamos com paciência"(Rm 8.18-24).

Esta é a idéia cristã de Deus. Deus é Espírito Pessoal , perfeitamente bom, que em santo amor cria, sustenta e governa tudo".

***Análise Crítica*** Langston deu uma definição muito própria de Deus. Deus é

Espírito Pessoal, perfeitamente bom, que, em santo amor, cria, sustenta e dirige tudo. Concordo plenamente com ele.

**3.4. *Segundo Horton & Joyner, Deus é: "O DEUS ÚNICO E VERDADEIRO.***

Muitas teologias sistemáticas do passado tentaram classificar os atributos morais e a natureza de Deus. O Supremo Ser, porém, não se revelou simplesmente para transmitir-nos conhecimento teóricos e respeito de si mesmo. Pelo contrário: a revelação que Ele fez de si mesmo está vinculada a um desafio pessoal, a uma confrontação e a oportunidade de o ser humano reagir positivamente a essa revelação. Isso fica evidente quando o Senhor se encontra com Adão, com Abraão, com Jacó, com Isaías, com Maria, com Pedro, com Natanael e com Marta. Juntamente com estas e muitas outras testemunhas (Hb 12.1) "Assim nós temos essa grande multidão de testemunhas ao nosso redor. Portanto, deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que se agarra firmemente em nós e continuemos a correr, sem desanimar, a corrida marcada para nós", podemos testificar que estudamos a fim de conhece-Lo experimentalmente, e não somente para saber somente a respeito d`Ele. (Sl 100.1-3) "Cantem hinos a Deus, o SENHOR, todos os moradores da terra! Adorem o SENHOR com alegria e venham cantando até a sua presença. Lembrem que o SENHOR é Deus. Ele nos fez, e nós somos d`Ele; somos o seu povo, o seu rebanho". Todos os textos bíblicos que examinarmos devem ser estudados com um sentimento disposto à adoração, ao serviço e à obediência ao Único e Verdadeiro Deus.

Nossa maneira de compreender a Deus não deve basear-se em preposições a respeito d`Ele, ou em como gostaríamos que Ele fosse. Pelo contrário: devemos crer no Deus que existe, e que optou por se revelar a nós através das Escrituras. O ser humano tende a criar falsos deuses, nos quais é fácil crer; deuses que se conformam com o modo de viver e com a natureza pecaminosa das pessoas (Rm 1.21-25) "Eles sabem quem Deus é, mas não Lhe dão a glória que Ele merece e não Lhe são agradecidos. Pelo contrário, os seus pensamentos se tornaram tolos, e a sua mente vazia está coberta de escuridão. Eles fizem que são sábios, mas são tolos. Em vez de adorarem ao Deus imortal, adoram ídolos que se parecem com seres humanos, ou com pássaros, ou com animais de quatro patas, ou com animais que se arrastam pelo chão. Por isso Deus entregou os seres humanos aos desejos do sentimento deles para fazerem coisas sujas e para terem relações vergonhosas uns com os outros. Eles trocam a verdade sobre Deus pela mentira e adoram e servem as coisas que Deus criou, em vez de adorarem e servirem o próprio Criador, que deve ser louvado para sempre.Amém!". Essa é uma das caracteristicas das falsas religiões. Alguns cristãos até mesmo caem na armadilha de se desconsiderar a auto-revelação Divina para desenvolver um conceito de Deus que está mais de acordo com as fantasias pessoais do que com a Bíblia, que é a nossa fonte única de pesquisa, que nos permite saber que Deus existe e como Ele é.

**3.4.1. *A Existência de Deus*** A Bíblia não procura oferecer-nos qualquer prova racional quanto à existência de Deus. Pelo contrário: ela já começa tomando a sua existência como pressuposição básica: "No começo Deus criou os céus e a terra" (Gn 1.1). Deus existe! Ele é o ponto de partida. Por toda a Bíblia, há evidências substanciais em favor de sua existência. Se de um lado "Os tolos pensam assim: `Para mim, Deus não tem importância`. Todos são corruptos e as coisas que eles fazem são nojentas; não há uma só pessoa que faça o bem" (Sl 14.1); por outro: "O céu anuncia a glória de Deus e nos mostra aquilo que as suas mãos fizeram" (Sl 19.1). Deus se tornou conhecido mediante o seu ato de crer e de sustentar tudo quanto existe. Ele dá vida, alento "Deus, que fez o mundo e tudo o que nele existe, é o Senhor do céu e da terra e não mora em templos feitos por seres humanos. E também não precisa que

façam nada por Ele, pois é Ele mesmo quem dá a todos vida, respiração e tudo mais. De um só homem Ele criou todas as raças humanas para viverem na terra. Antes de criar os povos, Deus marcou para eles os lugares onde iriam morar e quanto tempo ficariam lá. Ele fez isso para que todos pudessem procurá-Lo e talvez encontrá-Lo, embora Ele que, como alguém disse: `nEle vivemos, nos movemos e existimos`. E alguns dos poetas de vocês disseram: `Nós também somos filhos dEle`" (At 17.24-28), alimento e alegria "Mas Deus sempre mostra quem Ele é por meio das coisas boas que faz: é Ele quem manda as chuvas do céu e as colheitas no tempo certo; é Ele quem dá também alimento para vocês e enche o sentimento de vocês de alegria" (At 14.17). Essas ações são acompanhadas por palavras que interpretam o seu significado e relevância, fornecendo um registro que explica sua presença e propósito. Deus também revela a sua existência através do ministério dos profetas, sacerdotes, reis e servos fiéis. Finalmente, Deus se revelou claramente a nós mediante o Filho e por intermédio do Espírito Santo.

Os que, entre nós, acreditam que Deus haja se revelando nas Escrituras, descrevem a Deidade única e verdadeira tendo como base sua auto-revelação. Vivemos, todavia, num mundo que, via de regra, não aceita esse conceito da Bíblia como fonte primária de informação. E são muitas as pessoas que preferem confiar na engenhosidade e percepção humanas para lograrem alcançar uma descrição particular da Deidade. Para acompanharmos os passos do apóstolo Paulo na obra de se conduzir a humanidade das trevas para a luz, precisamos ter consciência das categorias gerais dessas percepções terrenas.

Sob o ponto de vista secular de se entender a história, a ciência e a religião, a teoria da evolução tem sido aceita por muitos como fato fidedigno. Segundo essa teoria, à medida que os seres humanos foram evoluindo, também evoluíram suas crenças religiosas e seus modos de expressá-las. A religião é apresentada como um movimento que parte de práticas e crenças simples para as mais complexas. Os seguidores da teoria da evolução dizem que a religião começa no nível do animinismo - a crença de que poderes sobrenaturais, ou espíritos desencarnados, habitam nos objetos naturais e físicos. Tais espíritos, segundo suas próprias vontades malígnas, teriam influência sobre a vida humana. O animismo evoluiu-se até transformar-se no politeísmo simples, no qual certos poderes sobrenaturais são considerados deidades. O passo seguinte, ainda segundo os evolucionistas, é o henoteísmo: uma das deidades atinge uma posição de supremacia sobre todos os demais espíritos, e é adorada em detrimento das outras. Segue-se a monolatria, quando as pessoas optam por adorar um só dos deuses, sem, porém, negar a existência dos demais.

A conclusão lógica (segundo essa teoria) é o monoteísmo que surge somente quando as pessoas evoluem-se ao ponto de negar a existência de todos os demais deuses e de adorar uma única deidade. As pesquisas realizadas pelos antropólogos e pelos missiologistas no século passado, demonstram com clareza que essa teoria não é corroborada pelos fatos históricos, nem pelo estudo cuidadoso das culturas "primitivas" contemporâneas. Quando os seres humanos criam um sistema de crenças segundo seus próprios desígnios, ele não tende a se desenvolver em direção ao monoteísmo, mas, sim, ao animismo e à crença em vários deuses. A tendência é cair no sincretismo, acrescentando-se a este deidades recém-descobertas ao conjunto das que já são adoradas.

Em contraste com a evolução, temos a revelação. Servimos a um Deus que tanto age quanto fala. O monoteísmo não é o resultado do caráter humano evolucionário, mas do desenvolvimento que Deus fez de si mesmo. A revelação Divina é progressiva na sua natureza à medida que Deus se revelou através dos registros bíblico. Já no dia de Pentecostes, após a ressurreição e ascensão de Cristo, temos a prova de que Deus realmente se manifesta ao seu povo em três Pessoas distintas. Nos tempos do Antigo Testamento, porém, a prioridade era estabelecer o fato de que há um só Deus em contraste com os inúmeros deuses cultuados pelos vizinhos do povo de Israel, em Canaã, no Egito e na Mesopotâmia.

Através de Moisés, essa verdade foi proclamada: "Escute, povo de Israel! O SENHOR, e somente o SENHOR, é o nosso Deus" (Dt 6.4). A existência de Deus e a atividade continua não dependem do seu relacionamento com qualquer outro deus, ou criatura. Pelo contrário: nosso Deus podia simplesmente "ser", optando por chamar o ser humano a estar ao seu lado (não porque Ele precisasse de Adão, mas porque este precisava de Deus).

**3.4.2. *Os Atributos Naturais de Deus*** "E também não precisa que façam nada por Ele, pois é Ele mesmo quem dá a todos vida, respiração e tudo mais" (At 17.25). Deus existe por si mesmo, pois não depende de nenhuma fonte originária para existir. Seu próprio nome, Yahweh, declara que "Ele é e continuará sendo". Deus não depende de ninguém para aconselhá-Lo ou para ensiná-lo: "Quem Lhe deu lições ou ensinamentos? Quem Lhe ensinou a julgar com justiça ou quis fazê-Lo aprender mais coisas ou procurou Lhe mostrar como ser sábio?"(Is 40.14). Ele não necessitou de outro ser para ajudá-Lo na criação e na providência "O SENHOR, o Salvador de Israel, diz: `Meu povo, Eu sou o seu Criador`; antes que você tivesse nascido, Eu já o havia criado. Sozinho, Eu criei todas as coisas; estendi os céus e firmei a terra sem a ajuda de ninguém" (Is 44.24). Deus quer e pode outorgar vida ao seu povo. Ele é único por independer de qualquer outro ser no universo: "Assim como o Pai é a fonte da vida, assim também fez o Filho ser a fonte da vida" (Jo 5.26). Nenhum ser criado pode fazer tal declaração. Quanto a nós, criaturas, só resta declarar-Lhe nossa adoração: "Senhor nosso e nosso Deus! Tu és digno de receber glória, honra e poder, pois criaste todas as coisas; por tua vontade elas foram criadas e existem" (Ap 4.11).

**3.4.2.1. *Espírito*** Os samaritanos eram considerados sectários pelos judeus do primeiro século, e inimigos a serem evitados. Forçados a abandonar a idolatria, os samaritanos elaboraram uma interpretação própria do Pentateuco, consagrando o monte Gerizim como o seu local de adoração. Além disso, rejeitaram o restante do Antigo Testamento. Jesus, na sua conversa com a mulher samaritana, desfez esse grave erro: "Deus é Espírito, e por isso os que O adoram devem adorá-Lo em espírito e em verdade" (Jo 4.24). De acordo com essa declaração, a adoração não está limitada a nenhum local específico, posto que tal fato refletiria um conceito falso da natureza Divina. A adoração teria de estar em conformidade com a natureza espiritual de Deus.

A Bíblia não define "espírito"; limita-se a oferecer algumas descrições. Deus, como espírito, invisível e eterno, digno de nossa honra e glória para sempre "Ao Rei eterno, imortal e invisível, o único Deus - a Ele sejam dadas a honra e a glória, para todo o sempre! Amém!" (1 Tm 1.17). Como espírito, Ele habita na luz, da qual os seres humanos são incapazes de aproximar-se: "o único que é imortal. Ele vive na luz, e ninguém pode chegar perto dela. Ninguém nunca O viu, nem poderá ver. A Ele pertence a honra e o poder eterno!Amém!" (1 Tm 6.16). Sua natureza espiritual é-nos de difícil entendimento, pois ainda não O temos visto conforme Ele é. E, à parte da fé, somos incapazes de compreender o que não experimentamos. Nossa percepção sensorial não nos oferece nenhuma ajuda para discernirmos a natureza espiritual de Deus. Ele não está preso à matéria. Adoramos aquEle que é bem diferente de nós, mas que deseja dar-nos o Espírito Santo como antegozo do dia em que O veremos conforme Ele é "Meus amigos, agora nós somos filhos de Deus, mas ainda não sabemos o que vamos ser. Porém sabemos isto: quando Cristo aparecer, ficaremos parecidos com Ele, pois O veremos como Ele realmente é" (1 Jo 3.2). Então, poderemos aproximar-nos da sua presença, porque a nossa mortalidade será anulada, e nos vestiremos da gloriosa imortalidade "Escutem bem este segredo: nem todos vamos morrer, mas todos nós vamos ser transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, quando tocar a última trombeta. Ela tocará, os mortos serão ressuscitados como seres imortais, e todos nós seremos transformados. Pois este corpo mortal precisa se vestir com o que é imortal; este corpo que vai morrer precisa se vestir com o que não pode morrer. Assim, quando este corpo mortal se vestir com o

que é imortal, quando este corpo que morre se vestir com o que não pode morrer, então acontecerá o que as Escrituras Sagradas dizem: A morte está destuída! A vitória é completa!" (1 Co 15.51-54).

**3.4.2.2. *Cognoscível*** Deus jamais foi visto "Ninguém nunca viu Deus. Somente o Filho único, que é Deus e está ao lado do Pai, foi quem nos mostrou quem é Deus" (Jo 1.18). O Deus Onipotente não pode ser plenamente compreendido pelo ser humano "Você pensa que pode descobrir os segredos de Deus e conhecer completamente o Todo-Poderoso?" (Jó 11.7), mas se revelou em diferentes ocasiões e de várias maneiras. Isto indica que é da sua vontade que o conheçamos e tenhamos um correto relacionamento consigo "pois o Pai ama o Filho e Lhe mostra tudo o que está fazendo. E vai mostrar a Ele coisas ainda maiores do que essas, e vocês vão ficar admirados. E a vida eterna é esta: que eles conheçam a Ti, que és o único Deus verdadeiro; e conheçam também Jesus Cristo, que enviaste ao mundo" (Jo 5.20; 17.3); "Mas Deus sempre mostra quem Ele é por meio das coisas boas que faz: é Ele quem manda as chuvas do céu e as colheitas no tempo certo; é Ele que dá também alimento para vocês e enche o sentimento de vocês de alegria" (At 14.17); "Do céu Deus revela a sua ira contra todos os pecadores e todas as maldades das pessoas que, por meio das suas más ações, não deixam que os outros conheçam a verdade a respeito de Deus. Deus castiga essas pessoas porque o que se pode conhecer a respeito de Deus está bem claro para elas, pois foi o próprio Deus que lhes mostrou isso. Desde que Deus criou o mundo, as suas qualidades invisíveis, isto é, o seu poder eterno e a sua natureza Divina, têm sido vistas claramente. Os seres humanos podem ver tudo isso nas coisas que Deus tem feito e, portanto, eles não têm desculpas nenhuma" (Rm 1.18-20). Isso não significa, porém, que podemos compreender completa e exaustivamente a totalidade do caráter e da natureza de Deus "Os não-judeus não têm a lei. Mas, quando fazem pela sua própria vontade o que a lei manda, eles são a sua própria lei, embora não tenham a lei. Eles mostram, pela sua maneira de agir, que têm a lei escrita no seu sentimento" (Rm 2.14,15). Assim, da mesma forma que Ele se revela, também se oculta: "O Deus de Israel, que salva o seu povo, é um Deus que se esconde das pessoas" (Is 45.15).

Deus não se oculta para encobrir-nos seus atributos, mas para deixar-nos bem patentes nossos limites diante do seu ilimitado poder. Pelo fato de Deus ter decidido agir através de seu Filho "mas nestes últimos tempos Ele nos falou por meio do seu Filho. Foi Ele quem Deus escolheu para possuir todas as coisas e foi por meio dEle que Deus criou o Universo" (Hb 1.2) e ter a sua plenitude habitando nEle "pois é pela própria vontade de Deus que o Filho tem em si mesmo a natureza completa de Deus" (Cl 1.19), podemos estar confiantes de que encontraremos em Jesus as grandiosas manifestações do caráter Divino. Jesus não somente torna conhecido o Pai, como também revela o significado e a importância do Pai Celestial.

Por meio de sua Palavra, Deus expressa o seu desejo de que O conheçamos: "Ele diz: Parem de lutar e fiquem sabendo que Eu sou Deus. Eu sou o Rei das nações, o Rei do mundo inteiro" (Sl 46.10). Ele prometeu a Israel que, submetendo-se este à sua vontade, suas manifestações comprovariam ser Ele, de fato, o seu Deus, e que Israel era o seu povo: "Farei com que vocês sejam o meu povo e Eu serei o seu Deus. Vocês ficarão sabendo que Eu sou o SENHOR, seu Deus, o Deus que os vai livrar da escravidão no Egito" (Êx 6.7). A conquista da Terra Prometida era também uma evidência significativa do fato de o Senhor ser o Deus único e verdadeiro, e da possibilidade de se O conhecer "Pelo que vai acontecer, vocês ficarão sabendo que o Deus vivo está entre vocês e que sem falta expulsará os cananeus, os heteus, os heveus, os perizeus, os girgazeus, os amorreus e os jebuseus" (Js 3.10). Os cananeus e outros povos que estavam prestes a sofrer o castigo Divino seriam obrigados a reconhecer que Deus existe, e que Ele estava lutando com Israel "Hoje mesmo o SENHOR Deus entregará você nas minhas mãos; eu o vencerei e cortarei a sua cabeça. E darei os corpos dos soldados filisteus para as aves e os animais comerem.

Então o mundo inteiro saberá que o povo de Israel tem um Deus. Um profeta foi falar com o rei Acabe e disse: O que o SENHOR Deus diz é o seguinte: Os sírios dizem que Eu sou um deus das montanhas e não dos lugares planos; por isso, Eu vou dar a você a vitória sobre o enorme exército sírio, e assim você e o seu povo ficarão sabendo que Eu sou o SENHOR" (1 Sm 17.46; 1 Rs 20.28).

Os que se submetem ao Senhor, entretanto, vão além da mera comprovação de sua existência, alcançando o conhecimento de sua Pessoa e propósito "Responde-me, ó SENHOR, responde-me, para que este povo saiba que Tu, o SENHOR, és Deus e estás trazendo este povo de volta para Ti" (1 Rs 18.37). Segundo o Antigo Testamento, um dos benefícios de se ter um relacionamento pactual com Deus é que Ele estará continuamente Se revelando àqueles que Lhe obedecem os mandamentos e preceitos contidos na aliança "Façam do sábado um dia sagrado, de modo que seja um sinal da aliança que fizemos. O sábado fará com que lembrem que Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês. Ali eles vão viver em segurança, vão construir casas e fazer plantações de uvas. Eu castigarei todos os seus vizinhos que os trataram com desprezo, e Israel ficará seguro. Aí eles ficarão sabendo que Eu sou o SENHOR, o Deus de Israel. Daquele dia em diante, os israelitas ficarão sabendo que Eu sou o SENHOR, seu Deus. Então o meu povo ficará sabendo que Eu sou o SENHOR, seu Deus, pois os levei presos para fora do seu país e agora os ajuntei e trouxe de volta, sem deixar nenhum deles longe da sua própria terra. Deus diz ao seu povo: Assim vocês vão ficar sabendo que Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês. Eu moro em Sião, o meu monte santo. Jerusalém será uma cidade santa, e os estrangeiros nunca mais a conquistarão" (Ez 20.20; 28.26; 39.22,28; Jl 3.17).

O ser humano, desde o princípio, vem procurando conhecer o seu Criador. Num dos períodos mais antigos da história, Zofar pergunta a Jó se essa busca daria algum resultado: "Você pensa que pode descobrir os segredos de Deus e conhecer completamente o Todo-Poderoso?" (Jó 11.7). Eliú acrescenta: "Ele é grande demais para que O possamos conhecer; nós não podemos calcular quantos anos já viveu" (Jó 36.26). Se temos algum conhecimento de Deus é porque Ele optou por Se nos revelar. Mas este conhecimento que agora temos, embora confessadamente limitado, é mui glorioso e constitui-se na base suficiente de nossa fé.

**3.4.2.3. *Eterno*** Medimos a nossa existência pelo tempo: o passado, o presente e o futuro. Mas Deus não está limitado pelo tempo, e nem por isso deixou de Se revelar dentro de nosso ponto de referência - o tempo, a fim de tomarmos conhecimento dessa revelação. Os termos "eterno", "perpétuo" e "para sempre", são freqüentemente empregados pelos tradutores da Bíblia na tentativa de captar o sentido das expressões hebraicas, aramaicas e gregas que colocam a Deus dentro de nossa realidade temporal e finita. Ele existia antes da criação: "Antes de formares os montes e de começares a criar a terra e o Universo, Tu és Deus eternamente, no passado, no presente e no futuro" (Sl 90.2).

Ainda que vejamos o tempo como uma forma limitada de meditação, a plena compreensão da eternidade está além de nosso alcance. Todavia, podemos meditar sobre o aspecto duradouro e intemporal de Deus. E isto nos levará adorá-Lo como o Deus Pessoal que estendeu uma "ponte" sobre o abismo que separava a sua essência - infinita e ilimitada. "Pois o Altíssimo, o Santo Deus, o Deus que vive para sempre, diz: Eu moro num lugar alto e sagrado, mas moro também com os humildes e os aflitos, para dar esperança aos humildes e aos aflitos, novas forças" (Is 57.15).

Portanto, na impossibilidade de se entender a relação entre o tempo e a eternidade, confessamos: "Mas o que o SENHOR planeja dura para sempre, as suas decisões permanecem eternamente. Mas Tu és sempre o mesmo, e a tua vida não tem fim" (Sl 33.11; 102.27).

**3.4.2.4. *Onipotente*** Um antigo questionamento filosófico, indaga: "Deus é capaz de criar uma rocha tão grande que Ele não possa mover? Se Ele não consegue movê-la,

logo, Ele não é todo-poderoso. Se Ele não é capaz de criar uma rocha tão grande assim isso comprova que Ele também não é todo-poderoso". Essa falácia da Lógica simplesmente brinca com as palavras e desconsidera o fato de que o poder de Deus está relacionado com os seus propósitos espirituais.

A pergunta mais honesta seria: Deus é poderoso para fazer tudo quanto pretende, e que esteja de acordo com o seu propósito? De acordo com os seus decretos, Ele demonstra que realmente tem a capacidade de realizar tudo quanto deseja: "O SENHOR Todo-Poderoso resolveu fazer isso; haverá alguém que O faça parar? Ele levantou a mão para castigar; haverá quem a faça abaixar?" (Is 14.27). O poder ilimitado do único e verdadeiro Deus jamais será resistido, impedido ou anulado pelo ser humano "e orou assim: Ó SENHOR, Deus dos nossos antepassados! Tu és o Deus do céu e governas todas as nações do mundo. Tu és forte e poderoso, e ninguém pode resistir ao teu poder. Deus, o Senhor nosso, é grande e poderoso; a sua sabedoria não pode ser medida. Eu sou e sempre serei. Ninguém pode escapar do meu poder e ninguém pode desfazer o que Eu faço. Para Ele, os seres humanos não têm nenhum valor; Ele governa todos os anjos do céu e todos os moradores da terra. Não há ninguém que possa impedi-Lo de fazer o que quer; não há ninguém que possa obrigá-Lo a explicar o que faz" (2 Cr 20.6; Sl 147.5; Is 43.13; Dn 4.35).

Através de sua revelação, Deus demonstrou que a sua grande prioridade é chamar, formar e transformar um povo para Si mesmo. Isto pode ser visto na vida se Sara que, mesmo avançada em idade, Deus lhe concedeu a bênção da maternidade - conforme Ele mesmo o disse: "Será que para o SENHOR há alguma coisa impossível? Pois, como Eu disse, no ano que vem virei visitá-lo outra vez. E nessa época Sara terá um filho. Ó SENHOR, meu Deus, com o teu grande poder e com a tua força, fizeste o céu e a terra. Nada é impossível para Ti" (Gn 18.14; cf. Jr 32.17) - e na vida da jovem virgem Maria "Enquanto José estava pensando nisso, um anjo do Senhor apareceu a ele num sonho e disse: José, descendente de Davi, não tenha medo de receber Maria como sua esposa, pois ela está grávida pelo Espírito Santo. Ela terá um menino, e você porá nele o nome de Jesus, pois Ele salvará o seu povo dos pecados deles. Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito por meio do profeta: `A virgem ficará grávida e terá um filho que receberá o nome de Emanuel.` Quando José acordou, fez o que o anjo do Senhor havia mandado e casou com Maria. Porém não teve relações sexuais com ela até que a criança nasceu. E José pôs no menino o nome de Jesus" (Mt 1.20-25). O propósito sublime de Deus, contudo, foi realizado quando ressuscitou a Jesus dentro os mortos: "e como é grande o seu poder que age em nós, os que cremos nEle. Esse poder que age em nós é a mesma força poderosa que Ele usou quando ressuscitou Jesus e fez com que Ele se sentasse ao seu lado direito no mundo celestial" (Ef 1.19,20).

Os discípulos, após uma declaração enfática de Jesus, meditaram sobre a impossibilidade de um camelo passar pelo fundo de uma agulha "É mais difícil um rico entrar no Reino de Deus do que um camelo passar pelo fundo de uma agulha. Quando ouviram isso, os dicípulos ficaram espantadíssimos e perguntavam uns aos outros: Então, quem é que pode se salvar? Jesus olhou para eles e disse: Para os seres humanos isso não é possível; mas, para Deus, é. Pois, para Deus, tudo é possível" (Mc 10.25-27). A grande lição aqui é a impossibilidade de as pessoas se salvarem a si mesmas. No entanto, isto além de ser possível para Deus, está dentro do seu propósito. Por isso, a obra de salvação é de domínio exclusivo do Senhor. Podemos exaltá-Lo, não somente porque Ele é Onipotente, mas também porque os seus propósitos são grandiosos, e o seu grande poder é utilizado por Ele no cumprimento da sua vontade.

**3.4.2.5. *Onipresente*** Nos dias do Antigo Testamento, as nações ao redor de Israel serviam a deuses regionais, ou nacionais, cujo poder limitava-se à localidade e ao ritual. Na maioria dos casos, os devotos achavam que tais deidades tinham poder somente nos domínios habitados pelo povo que lhes prestava culto. Embora o Senhor

se apresentasse a Israel como aquEle que manifestava a sua presença somente no Santo dos Santos do tabernáculo, e posteriormente no do Templo construído por Salomão, não contradizia a sua Onipresença, por ser isso uma concessão sua às limitações do entendimento humano. O próprio Salomão reconheceu esse fato: "Mas será que, de fato, ó Deus, Tu podes morar no meio de nós, criaturas humanas, aqui na terra?" (1 Rs 8.27).

Os seres humanos temos a nossa existência limitada às dimensões físicas deste universo. Não há absolutamente lugar algum para onde possamos fugir da presença de Deus: "Eu sou o Deus que está em toda parte e não num só lugar. Sou Eu, o SENHOR, quem está falando. Ninguém pode se esconder num lugar onde Eu não possa ver. Então vocês não sabem que estou em toda parte, no céu e na terra?" (Jr 23.23,24). A natureza espiritual de Deus permite que seja Ele Onipresente e, ao mesmo tempo, esteja mui próximo de nós "Ele fez isso para que todos pudessem procurá-Lo e talvez encontrá-Lo, embora Ele não esteja longe de cada um de nós. Porque, como alguém disse: N`Ele vivemos, nos movemos e existimos. E alguns dos poetas de vocês disseram: Nós também somos filhos d`Ele" (At 17.27,28).

**3.4.2.6. *Onisciente*** "Não há nada que se possa esconder de Deus. Em toda a criação, tudo está descoberto e aberto diante dos seus olhos, e é a Ele que todos nós teremos de prestar contas" (Hb 4.13). Deus conhece todos os nossos pensamentos e intenções "Ó SENHOR Deus, Tu me examinas e me conheces. Sabes tudo o que eu faço e, de longe, conheces todos os meus pensamentos. Tu me vês quando estou trabalhando e quando estou descansando; Tu sabes tudo o que eu faço. Antes mesmo que eu fale, Tu já sabes o que vou dizer" (Sl 139.1-4). Ele não Se cansa na sua atividade de discerni-los "Será que vocês não sabem? Será que nunca ouviram falar disso? O SENHOR é o Deus Eterno, Ele criou o mundo inteiro. Ele não se cansa, não fica fatigado; ninguém pode medir a sua sabedoria" (Is 40.28). O conhecimento Divino não se acha limitado por nosso modo de entender o futuro, pois Ele conhece o fim de um determinado acontecimento antes mesmo deste ter início "Desde o princípio, anunciei as coisas do futuro; há muito tempo, Eu disse o que ia acontecer. Afirmei que o meu plano seria cumprido, que Eu faria tudo o que havia resolvido fazer" (Is 46.10).

Não podemos adentrar o conhecimento e a sabedoria de Deus "Como são grandes as riquezas de Deus! Como são profundos o seu conhecimento e a sua sabedoria! Quem pode explicar as suas decisões? Quem pode entender os seus planos?" (Rm 11.33). Por isso, é difícil compreendermos totalmente como Ele pode conhecer previamente os eventos ocasionados por nosso livre-arbítrio. Isso às vezes põe-nos diante não de uma contradição, mas de um paradoxo. As Escrituras Sagradas não nos oferecem informações suficientes para resolvermos esse paradoxo. Colocam-nos, porém, à nossa disposição aquilo de que precisamos para que, com a ajuda do Espírito Santo, possamos tomar decisões que estejam em conformidade com a vontade Divina.

**3.4.2.7. *Sábio*** No mundo antigo, o conceito de sabedoria estava, quase sempre, relacionado ao campo da teoria e do debate. A Bíblia, porém, coloca a sabedoria no âmbito da prática e, mais uma vez, nosso modelo para esse tipo de sabedoria é Deus. A "sabedoria" reúne o conhecimento da verdade com a experiência do cotidiano. A sabedoria como conhecimento pode capacitar a pessoa a encher sua mente com uma enorme quantidade de gatos, mas sem qualquer entendimento ou aplicação. A verdadeira sabedoria, porém, orienta.

O conhecimento que Deus possui dá-Lhe o discernimento de tudo quanto existe e que poderá vir a existir. Tendo em vista o fato de que Deus existe por Si mesmo, seus conhecimentos estão além de nossa simples imaginação; são ilimitados "Deus, o Senhor nosso, é grande e poderoso; a sua sabedoria não pode ser medida" (Sl 147.5). Ele aplica com sabedoria o seu conhecimento. Todas as obras das suas mãos são feitas pela sua grande sabedoria "Ó SENHOR, Tu tens feito tantas coisas e foi com sabedoria que as fizeste. A terra está cheia das tuas criaturas" (Sl 104.24), e assim Ele

pode tirar ou colocar reis, mudar os tempos e estações, conforme Lhe parecer bem "É Ele quem faz os tempos e as estações; é Ele quem põe os reis no poder e os derruba; é Ele quem dá sabedoria aos sábios e inteligência aos inteligentes" (Dn 2.21).

Deus deseja que participemos de sua sabedoria e de seu conhecimento a fim de podermos conhecer os seus planos a nosso respeito, para podermos viver no centro de sua vontade "Eu trabalho para que o sentimento deles se encha de coragem e eles sejam unidos em amor e assim fiquem completamente enriquecidos com a segurança que é dada pela verdadeira compreensão do segredo de Deus. Esse segredo é Cristo, o qual é a chave que abre todos os tesouros escondidos do conhecimento e da sabedoria que vêm de Deus" (Cl 2.2,3).

### 3.4.3. *Os Atributos Morais de Deus*

**3.4.3.1. *Fiel*** Os deuses das religiões do Oriente Próximo eram volúveis e caprichosos. A grande exceção era o Deus de Israel. Ele é fiel na sua natureza e nas suas ações. A palavra hebraica *amem*, "verdadeiramente", é derivada de uma das mais notáveis descrições de Deus, que reflete a sua certeza e fidedignidade: "Ó SENHOR, Tu és o meu Deus. Eu Te adorarei e louvarei o teu nome, pois tens feito coisas maravilhosas; tens cumprido fielmente os planos seguros que há muito tempo decidiste fazer" (Is 25.1).

Embora usemos a palavra "amém" para expressar nossa certeza quanto ao fato de Deus responder-nos às orações, as ocorrências na Bíblia de palavras que se baseiam em *amem* abrangem uma gama ainda mais ampla das manifestações do poder e da fidelidade de Deus. O empregado de Abraão atribuiu sua procura bem-sucedida de uma noiva para o jovem Isaque à natureza fiel de Deus "Ele disse: Bendito seja o SENHOR, o Deus de Abraão, o meu patrão! Pois foi fiel e bondoso com ele, guiando-me diretamente até a casa dos seus parentes" (Gn 24.27).

O Senhor comprova a sua fidelidade ao cumprir as suas promessas: "Lembrem que o SENHOR, nosso Deus, é o único Deus. Ele é fiel e matém a sua aliança. Ele continua a amar, por mil gerações, aqueles que O amam e obedecem aos seus mandamentos" (Dt 7.9). Josué, já no fim de sua vida, declarou ao povo de Israel que o Senhor nunca lhe faltara, nem sequer numa única promessa "Agora o dia da minha morte está perto. Todos vocês sabem, no seu sentimento e no seu íntimo, que o SENHOR, nosso Deus, lhes deu todas as coisas boas que havia prometido. Ele cumpriu tudo; não falhou em nada" (Js 23.14). O salmista confessou: "Sei que o teu amor dura para sempre e que a tua fidelidade é tão firme como o céu" (Sl 89.2).

Deus se revela constantemente no seu desejo de ter comunhão conosco, de guiar e proteger-nos. Se lhe estivermos submissos, nem mesmo o pecado e a iniqüidade terão poder sobre nossas vidas: "O amor do SENHOR Deus não se acaba, e a sua bondade não tem fim. Esse amor e essa bondade são novos todas as manhãs; e como é grande a fidelidade do SENHOR" (Lm 3.22,23).

Pelo fato de Deus ser fiel, seria impossível pensar que Ele pudesse abandonar os seus filhos, quando estes estiverem passando por tentações "As tentações que vocês têm de enfrentar são as mesmas que os outros enfrentam; mas Deus cumpre a sua promessa e não deixa que vocês sofram tentações que vocês não têm forças para suportar. Quando uma tentação vier, Deus dará forças a vocês para suportá-la, e assim vocês poderão sair dela" (1 Co 10.13). "Deus não é como os seres humanos, que mentem; não é um ser humano, que muda de idéia. Quando foi que Deus prometeu e não cumpriu? Ele diz que faz e faz mesmo" (Nm 23.19). Deus permanece estável quanto à sua natureza, ao passo que Se mostra flexível nas suas ações. Quando Deus faz uma aliança com alguém, a sua promessa é um selo e garantia suficiente de sua imutável natureza e propósitos: "Deus quis deixar bem claro aos que iam receber o que Ele havia prometido que jamais mudaria a sua decisão. Por isso, junto com a promessa, fez o juramento" (Hb 6.17). Deus jamais muda seus propósitos, pois se o fizesse, certamente estaria contradizendo o seu próprio caráter. Paulo faz um

contraste entre a natureza humana e a Divina, quando escreve sobre a glória que se segue após o sofrimento de Cristo: "Se não formos fiéis, Cristo continua sendo fiel, pois Ele não pode ser falso para Si mesmo" (2 Tm 2.13). A fidedignidade de Deus é absoluta por causa daquilo que Ele é: "`O SENHOR é a nossa rocha; Ele é perfeito e justo em tudo o que faz. Ele é fiel e correto e julga com justiça e honestidade`.`Tu dominas o mar poderoso, Tu acalmas as suas ondas furiosas`.`Que Deus, que nos dá a paz, faça com que vocês sejam completamente dedicados a Ele. E que Ele conserve o espírito, a alma e o corpo de vocês livres de toda mancha, para o dia em que vier o nosso Senhor Jesus Cristo. Aquele que os chama é fiel e fará isso`. `Guardemos firmemente a esperança da fé que professamos, pois podemos confiar que Deus cumprirá as suas promessas`. `Mas, se confessarmos os nossos pecados a Deus, Ele cumprirá a sua promessa e fará o que é correto: Ele perdoará os nossos pecados e nos limpará de toda maldade`" (Dt 32.4; Sl 89.8; 1 Ts 5.23,24; Hb 10.23; 1 Jo 1.9).

**3.4.3.2. *Verdadeiro*** A veracidade de Deus forma um constraste com a desonestidade do ser humano. Deus é perfeitamente fiel às suas promessas e aos seus mandamentos "As palavras do SENHOR são verdadeiras; tudo o que Ele faz merece confiança. Mas Tu, ó SENHOR, estás perto de mim, e todos os teus mandamentos são verdadeiros" (Sl 33.4; 119.151). Sua integridade moral é a sua característica Pessoal permanente "Todas as tuas palavras são verdadeiras; os teus mandamentos são justos e duram para sempre" (Sl 119.160). A veracidade estável e permanente do Senhor é o meio através do qual somos santificados, porque a verdade proclamada tornou-se a Verdade Encarnada: "Que eles sejam teus por meio da Verdade; a tua mensagem é a Verdade" (Jo 17.17). Nossa esperança depende diretamente da garantia de que tudo quanto Deus nos revelou é a absoluta verdade. Tudo quanto Ele fez até agora, no que se refere ao cumprimento de suas promessas, é a garantia definitiva de que Ele cumprirá tudo o que prometeu "Jesus respondeu: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém pode chegar até o Pai a não ser por Mim. Eu, Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, escrevo esta carta. Eu fui escolhido e mandado para ajudar a tornar mais forte a fé que o povo de Deus tem e para fazer com que eles conheçam a verdade ensinada pela nossa religião" (Jo 14.6; Tt 1.1).

**3.4.3.3. *Bom*** Deus está, de acordo com sua natureza, disposto a agir com grande generosidade para com a criação. Durante os dias da criação, o Senhor examinara periodicamente a sua obra, e declarava ser ela boa, pois Lhe agradava e era apropriada aos seus propósitos "Deus viu que a luz era boa e a separou da escuridão. Deus pôs na parte seca o nome de "terra" e nas águas que se haviam ajuntado Ele pôs o nome de "mares". E Deus viu que o que havia feito era bom. A terra produziu todo tipo de vegetais: plantas que dão sementes e árvores que dão frutas. E Deus viu que o que havia feito era bom. Para governarem o dia e a noite e para separarem a luz da escuridão. E Deus viu que o que havia feito era bom. Assim Deus criou os grandes monstros do mar, e todas as espécies de seres vivos que em grande quantidade se movem nas águas, e criou também as espécies de aves. E Deus viu que o que havia feito era bom. Deus fez os animais, cada um de acordo com a sua espécie: os animais domésticos, os selvagens e os que se arrastam pelo chão. E Deus viu que o que havia feito era bom. E Deus viu que tudo o que havia feito era muito bom. A noite passou, e veio a manhã. Esse foi o sexto dia" (Gn 1.4,10,12,18,21,25,31). O mesmo adjetivo é usado para descrever o caráter moral de Deus: "Pois o SENHOR é bom; o seu amor dura para sempre, e a sua fidelidade não tem fim" (Sl 100.5). Nesse contexto, a expressão transmite muito bem a idéia original de agradável ou plenamente satisfatória, mas também vai além disso, ilustra a graça que é essencial na natureza de Deus: "O SENHOR Deus é bom e cheio de compaxão; Ele demora a ficar irado e tem sempre muito amor. O SENHOR é bondoso com todos e cuida com carinho de todas as suas criaturas. " (Sl 145.8,9). Essa faceta da natureza Divina é manifestada na sua disposição de prover todas as nossas necessidades, quer materiais, quer

espirituais "Mas Deus sempre mostra quem Ele é por meio das coisas boas que faz: é Ele quem manda as chuvas do céu e as colheitas no tempo certo; é Ele quem dá também alimento para vocês e enche o sentimento de vocês de alegria" (At 14.17). Esse aspecto também se contrasta com as crenças antigas, segundo as quais todos os demais deuses eram imprevisíveis, malévolos, dentre outras coisas, menos bons, ou seja não-bom.

Podemos seguir o modelo de nosso generoso e compassivo Deus, pois "Tudo de bom que recebemos e tudo o que é perfeito vêm do céu, vêm de Deus, o Criador das luzes do céu. Ele não muda, nem varia de posição, o que causaria a escuridão" (Tg 1.17).

**3.4.3.4. *Paciente*** Num mundo cheio de atitudes retaliatórias, quase sempre tomadas sem qualquer reflexão, nosso Deus diz: "Eu, o SENHOR, tenho paciência e muita compaixão; Eu perdôo a maldade e o pecado, porém não trato o culpado como se fosse inocente. Eu faço com que o castigo dos pecados dos pais caia sobre os seus descendentes, até os bisnetos e trinetos" (Nm 14.18). Deus é paciente e cheio de compaixão e graça "Mas Tu, Senhor, és Deus de compaixão e de amor; és sempre paciente, bondoso e fiel" (Sl 86.15). Sua longanimidade visa o nosso benefício, e devemos reconhecer que é para levar-nos ao arrependimento "Ou será que você despreza a grande bondade, a tolerância e a paciência de Deus? Você sabe muito bem que Ele é bom e que quer fazer com que você mude de vida. E foi isso o que Deus fez. Ele quis mostrar a sua ira e tornar bem conhecido o seu poder. Assim suportou com muita paciência os que mereciam o castigo e que iam ser destruídos. Ele quis também mostrar como é grande a sua glória, que Ele derramou sobre nós, que somos aqueles de quem Ele teve pena e a quem Ele há havia preparado para receberem a sua glória" (Rm 2.4; 9.22,23).

Vivemos o grande dilema: por um lado desejamos que Jesus cumpra o mais rápido possível as suas promessas relativas à sua segunda vinda; por outro, desejamos que Ele a retarde um pouco mais, para que mais pessoas possam aceitá-Lo como Salvador e Senhor. "O SENHOR não demora a fazer o que prometeu, como alguns pensam. Pelo contrário, Ele tem paciência com vocês porque não quer que ninguém seja destruído, mas deseja que todos se arrependam dos seus pecados" (2 Pe 3.9).

O Senhor castigará os pecadores na sua vinda, mas, por enquanto, utiliza-se de sua longanimidade para alcançar e salvar o maior número de pessoas possível "Lembrem que a paciência do nosso Senhor é uma oportunidade para vocês serem salvos. Pois o nosso querido irmão na fé, Paulo, com a sabedoria que Deus lhe deu, escreveu a vocês sobre esse assunto " (2 Pe 3.15).

**3.4.2.5. *Amor*** Quando nos tronamos cristãos, o primeiro texto da Bíblia a ser memorizado é: "Porque Deus amou o ser humano tanto, que deu o seu único Filho, para que todo aquele que n`Ele crer não morra eternamente, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16), o qual recitamos com vigor e entusiasmo, muitas vezes enfatizando a expressão: "Deus amou o ser humano de tal maneira". Depois, com um conhecimento mais profundo do texto, descobrimos que a ênfase recai não ao caráter quantitativos do amor de Deus, mas ao qualitativo. E o fato mais importante não é que Deus nos tenha amado a ponto de dar o seu Filho, mas que Ele nos haja amado de maneira tão sacrificial.

Deus se revelou como alguém que expressa um tipo específico de amor, o qual é demonstrado por uma dádiva sacrificial. João o define desta forma: "E o amor é isto: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e mandou o seu Filho para que, por meio d`Ele, os nossos pecados fossem perdoados" (1 Jo 4.10).

Deus também demonstra o seu amor ao nos dar repouso e proteção "Moisés disse a respeito da tribo de Benjamim: O SENHOR Deus ama a tribo de Benjamim e sempre a guardará. Deus cuidará deles o dia inteiro, e eles viverão debaixo da sua proteção" (Dt 33.12), que devemos sempre lembrar em nossas preces de ações de graças "Que Ele me mostre durante o dia o seu amor, e assim de noite eu cantarei uma canção, uma

oração ao Deus que me dá vida. O teu amor é melhor do que a própria vida. e por isso eu Te louvarei. Eu, vindo de longe, apareci a eles. Povo de Israel, Eu sempre os amei e continuo a mostrar que o meu amor por vocês é eterno" (Sl 42.8; 63.3; Jr 31.3). No entanto, a forma suprema do amor de Deus, sua maior demonstração de amor, acha-se na cruz de Cristo "Mas Deus nos mostrou o quanto nos ama: Cristo morreu por nós quando ainda vivíamos no pecado" (Rm 5.8). Ele quer que estejamos consciêntes de que seu amor faz parte integrante de nossa vida em Cristo: "Mas a misericórdia de Deus é muito grande, e o seu amor por nós é tanto, que, quando estávamos espiritualmente mortos por causa da nossa desobediência, Ele nos trouxe para a vida que temos em união com Cristo. Pela graça de Deus vocês são salvos" (Ef 2.4,5).

O caminho mais excelente, o caminho do amor, segundo o qual somos exortados a andar, identifica as características que Deus nos revelou na sua Pessoa e na sua obra, disse Paulo: "Eu poderia falar todas as línguas que são faladas na terra e até no céu, mas, se não tivesse amor, as minhas palavras seriam como o som de um gongo ou como o barulho de um sino. Poderia ter o dom de anunciar mensagens de Deus, ter todo o conhecimento, entender todos os segredos e ter tanta fé, que até poderia tirar as montanhas do seu lugar, mas, se não tivesse amor, eu não seria nada. Poderia dar tudo o que tenho e até mesmo entregar o meu corpo para ser queimado, mas, se eu não tivesse amor, isso não me adiantaria nada. Quem ama é paciente e bondoso. Quem ama não é ciumento, nem orgulhoso, nem vaidoso. Quem ama não é grosseiro nem egoísta; não fica irritado, nem guarda mágoa. Quem ama não fica alegre quando alguém faz uma coisa errada, mas se alegra quando alguém faz o que é certo. Quem ama nunca desiste, porém suporta tudo com fé, esperança e paciência. O amor é eterno. Existem mensagens espirituais, porém elas durarão pouco. Existe o dom de falar em línguas estranhas, mas acabará logo. Existe o conhecimento, mas também terminará. Pois os nossos dons de conhecimento e as nossas mensagens espirituais são imperfeitos. Mas, quando vier o que é perfeito, então o que é imperfeito desaparecerá. Quando eu era criança, falava como criança, sentia como criança e pensava como criança. Agora que sou adulto, parei de agir como criança. O que agora vemos é como uma imagem imperfeita num espelho embaçado, mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é imperfeito, mas depois conhecerei perfeitamente, assim como sou conhecido por Deus. Portanto, agora existem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. Porém a maior delas é o amor." (1 Co 13.1-13). Se seguirmos o seu exemplo, pruduziremos o fruto do amor, e andaremos de tal maneira que os dons do Espírito Santo cumprirão em nós os seus propósitos.

**3.4.2.6. Gracioso e Misericordioso** Os termos "graça" e "misericórdia" representam dois aspectos do caráter e da atividade de Deus que, embora distintos, são correlatos entre si. Experimentar a graça Divina é receber uma dádiva que não podemos adquirir por conta própria, e da qual não somos merecedores. Experimentar sua misericórdia significa ser preservado do castigo a que se faz jus. Deus é o juiz supremo que detêm o poder para determinar, em última análise, a punição a quem merece. Quando Ele nos perdoa o pecado e a culpa, experimentamos a sua misericórdia. Quando recebemos o dom da vida, experimentamos a sua graça. A misericórdia Divina remove o castigo, ao passo que a sua graça coloca algo positivo no lugar do negativo. Embora mereçamos o castigo, Ele nos dá a paz e restaura-nos inteligentemente "Porém Ele estava sofrendo por causa dos nossos pecados, estava sendo castigado por causa das nossas maldades. Nós somos curados pelo castigo que Ele sofreu, somos sarados pelos ferimentos que Ele recebeu. Pois Deus revelou a sua graça para dar a salvação a todos. Ele nos salvou porque teve compaixão de nós, e não porque nós tivéssemos feito alguma coisa boa. Ele nos salvou por meio do Espírito Santo, que nos lavou, fazendo com que nascêssemos de novo e dando-nos uma nova vida" (Is 53.5; Tt 2.11; 3.5).

"O SENHOR é bondoso e misericordioso, não fica irado facilmente e é muito amoroso" (Sl 103.8). Posto que precisemos ser trazidos da morte para a vida, esses

aspectos de Deus são amiúde mencionados justamente nas escrituras com a finalidade de demonstrar seu inter-relacionamento.

**3.4.2.7. *Santo*** "Eu sou o SENHOR. Dediquem-se a mim, o Deus de vocês, e sejam completamente fiéis a mim, pois Eu sou santo. Não fiquem impuros por causa de qualquer animal que se arrasta pelo chão" (Lv 11.44). Fomos chamados para ser diferentes, porque o Senhor é diferente. Deus se revela como "santo", e o aspecto essencial de santidade é a separação do que é mundano, profano, e a separação para seus propósitos dados a Israel exigiam que fosse mantida a nítida distinção entre as esferas do comum e do sagrado. "Vocês devem estar em condições de fazer diferença entre o que é e o que não é sagrado, e entre o que é impuro e o que é puro" (Lv 10.10). Tal distinção tinha seu impacto sobre o tempo e o espaço, mas vosava o indivíduo do modo mais relevante. Tendo em vista que Deus é diferente de qualquer outro ser, todos os que Lhe estão submissos devem também estar separados - no sentimento, nas intensões, na devoção e no caráter - para Ele, que é verdadeiramente santo "Não há outro deus como Tu, ó SENHOR! Quem é santo e majestoso como Tu? Quem pode fazer os milagres e as maravilhas que fazes?" (Êx 15.11).

Deus, por sua própria natureza, está separado do pecado e da humanidade pecaminosa. A razão por que nós, seres humanos, somos incapazes de nos aproximar de Deus, em nosso estado de pecado, é porque não somos santos. Na Bíblia, a questão da "natureza" não está relacionada à higiene, mas à santidade "Então eu disse: Ai de mim! Estou perdido! Pois os meus lábios são impuros, e moro no meio de um povo que também tem lábios impuros. E com os meus próprios olhos vi o Rei, o SENHOR Todo-Poderoso!" (Is 6.5). As marcas da impureza compreendem: algo quebrado ou defeituoso "Portanto, esse pecado vai trazer a ruína para vocês; ele será como uma brecha que vai se abrindo num muro alto: de repente, o muro desmorona e cai no chão. Vocês serão completamente destruídos, como um vaso de barro que se quebra: não sobra nem um caco que sirva para tirar brasas do fogo ou para tirar água do poço" (Is 30.13,14), o pecado, a violação da vontade de Deus, a rebelião e a permanência no pecado. Posto que Deus é íntegro e reto, nossa consagração envolve tanto a separação do pecado quanto a obediência a Ele.

A santidade de Deus não deve tornar-se mero assunto de meditação, mas um convite "Pelo contrário, sejam santos em tudo o que fizerem, assim como Deus, que os chamou, é santo"(1 Pe 1.15) para que participemos de sua justiça e o adoremos juntamente com as multidões. Os quatro seres viventes no Apocalipse "Cada um desses quatro seres vivos tinha seis asas, que estavam cobertas de olhos nos dois lados. E dia e noite não paravam de cantar assim: santo, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, que é e que há de vir" (Ap 4.8).

**3.4.2.8. *Reto e Justo*** O Deus santo é distinto e separado da humanidade pecaminosa. Mesmo assim, Ele permite que nos aproximemos de sua presença. Essa concessão acha-se baseada no fato de que Ele julga o seu povo com retidão e com justiça "para que governe o teu povo com honestidade e trate com justiça os explorados" (Sl 72.2). Ambos os conceitos são freqüente combinados entre si para ilustrar a maneira como Deus se apresenta a nós.

Na Bíblia, a retidão é vista segundo um padrão ético e/ou moral. A "retidão" de Deus é tanto o seu caráter quando o modo que ele opta por agir. Deus é reto no seu caráter ético e moral e, portanto, serve como padrão determinar qual a nossa posição em relação a Ele.

Semelhante a essa faceta de Deus é a sua justiça, através da qual Ele exerce o seu governo. Muitos sistemas democráticos modernos de governo separam os deveres do Estado em várias ramificações, que se equilibram mutuamente e que prestam contas às outras (o poder legislativo para elaborar e aprovar leis; o poder executivo para obrigar o cumprimento das leis e para manter a ordem; o poder judiciário para garantir a consciência das leis e para penalizar os transgressores).

O padrão com que Deus se apresenta a nós é perfeito e reto "O SENHOR é a nossa rocha; Ele é perfeito e justo em tudo o que faz. Ele é fiel e correto e julga com justiça e honestidade" (Dt 32.4). Por isso, não podemos, por nós mesmos, ser aprovados por esse padrão, que Deus usa para avaliar-nos, pois todos nós ficamos em falta "Todos pecaram e estão afastados da presença gloriosa de Deus" (Rm 3.23). E "Pois Ele marcou o dia em que vai julgar o mundo com justiça, por meio de um Homem que escolheu. E deu prova disso a todos quando ressuscitou esse Homem" (At 17.31). Por outro lado, Deus também Se preocupa com as suas criaturas, preservando-as "Ó SENHOR Deus, o teu amor chega até o céu, e a tua fidelidade vai até as nuvens. A tua justiça é firme como as grandes montanhas, e os teus julgamentos são profundos como o mar. Ó SENHOR Deus, Tu cuidas das pessoas e dos animais. Como é precioso o teu amor! Na sombra das tuas asas, encontramos proteção" (Sl 36.5-7), além de lhes proporcionar a esperança para o futuro. A encarnação de Jesus incluía todas as qualidades e atividades da retidão e da justiça. Sua expiação vicária, em seguida, transmitiu-nos essa mesma retidão e justiça "Deus ofereceu Jesus como sacrifício para que, pela sua morte na cruz, Jesus se tornasse o meio de as pessoas receberem o perdão dos seus pecados, pela fé n`Ele. Deus quis mostrar com isso que Ele é justo. No passado Ele foi paciente e não castigou as pessoas por causa dos seus pecados; mas agora, pelo sacrifício de Jesus, Deus mostra que é justo. Assim Ele é justo e aceita os que crêem em Jesus" (Rm 3.25,26) a fim de comparecermos justificados diante do justo Juiz "Em Jesus não havia pecado. Mas Deus colocou sobre Jesus a culpa dos nossos pecados para que nós, em união com Ele, vivamos de acordo com a vontade de Deus" (2 Co 5.21).

**3.4.3.** ***Os Nomes de Deus*** Em nossa cultura, os pais usualmente escolhem nomes para seus filhos, tendo por base a estética ou a eufonia. Nos tempos bíblicos, porém, dar nomes era uma ocasião de considerável relevância. O nome era uma expressão do caráter, natureza ou futuro do indivíduo (ou pelo menos, uma declaração do que se esperava de quem o recebeu). Nas Escrituras, Deus demonstrou que o seu nome era mera etiqueta para distingüi-Lo das demais deidades das culturas em derredor. Pelo contrário: cada nome que Ele usa e aceita revela alguma faceta do seu caráter, natureza, vontade ou autoridade.

Pelo fato de o nome representar a Pessoa e a presença de Deus, "invocar o nome do Senhor" veio a ser um meio de entrar em íntima comunhão com Deus. Esse era um tema comum às religiões do Oriente Médio antigo. As religiões em derredor, porém, tentavam controlar as suas deidades mediante uma manipulação de nomes, ao passo que os israelitas eram proibidos de usar o nome de seu Deus em vão ou com maus propósitos "Não use o meu nome sem o respeito que ele merece; pois Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês, e castigo aqueles que desrespeitam o meu nome" (Êx 20.7). Pelo contrário, deviam manter um relacionamento puro com o seu nome, como estabelecido por Deus, pois isto trazia contigo a providência e a salvação.

**3.4.3.1.** ***Nomes do Antigo Testamento*** A palavra original para a deidade que se achava em todos os idiomas semíticos era "El", que possivelmente tenha se derivado de um termo que significava `poder`. Entretanto, é incerta a origem exata da palavra. Posto que era usada por várias religiões e culturas diferentes, em comum, pode ser classificada como um termo genérico para "Deus" ou "deuses" (o que depende do contexto, pois as Escrituras hebraicas não fazem distinção entre letras maiúsculas ou minúsculas).

Para Israel, havia um só Deus verdadeiro; logo, o emprego do nome genérico por outras religiões era vão e vazio, pois Israel tinha de crer em `El `Elohe Yisra` el: "Deus, o Deus de Israel" (ou, possivelmente: "Poderoso é o Deus de Israel") "Ali ele construiu um altar e pôs nele o nome de El, o Deus de Israel" (Gn 33.20).

Na Bíblia, esse nome forma muitos termos descritivos compostos, tais como: `Deus (`El) glorioso` "A voz do SENHOR é ouvida sobre as águas; o glorioso Deus troveja, e

sobre os mares se ouve a sua voz" (Sl 29.3), `Deus (`El) do conhecimento` "Não fiquem contando vantagens e não digam mais palavras orgulhosas. Pois o SENHOR é Deus que conhece e julga tudo o que as pessoas fazem" (1 Sm 2.3). `Deus (`El) da salvação` "Deus é o meu Salvador; eu confiarei n`Ele e não terei medo. Pois o SENHOR me dá força e poder, Ele é o meu salvador" (Is 12.2), `Deus (`El) da vingança` "Ó SENHOR, Tu és Deus que castiga! Mostra a tua ira" (Sl 94.1) e `Deus (`El) grande e terrível` "Ó SENHOR, Deus do céu, Tu és grande, e nós Te tememos! Tu és fiel e guardas a tua aliança com aqueles que Te amam e obedecem aos teus mandamentos. Eu vi que o povo estava preocupado e por isso disse a eles, e às suas autoridades, e aos seus oficiais: Não tenham medo dos nossos inimigos. Lembrem como Deus, o Senhor, é grande e terrível e lutem pelos seus patrícios, pelos seus filhos, suas esposas e seus lares. Ó Deus, nosso Deus, como és grande! Como és terrível e poderoso! Tu guardas fielmente as promessas da aliança. Desde o tempo em que os assírios nos dominaram, como temos sofrido! Os nossos reus, as nossas autoridades, os nossos sacerdotes e profetas, os nossos antepassados e todo o nosso povo - todos nós temos sofrido! Lembra das nossas aflições! Orei ao SENHOR, meu Deus, e fiz a seguinte confissão: Senhor Deus, Tu és grande e poderoso! Tu guardas a aliança que fizeste com os que Te amam e obedecem aos teus mandamentos e sempre lhes dás provas do teu amor" (Ne 1.5; 4.14; 9.32; Dn 9.4).

A forma plural, `*elohim*, acha-se quase 3.000 vezes no Antigo Testamento, e pelo menos 2.300 dessas referências falam do Deus de Israel. A forma plural, ao ser aplicado ao Deus de Israel, pode ser entendida como a maneira de significar que a plenitude da deidade acha-se dentro do único Deus verdadeiro, com todos os atriburos, virtudes e poderes.

O sinônimo de `*Elohim* é sua forma singular, `*Eloah*, que também é usualmente traduzida por "Deus". Um exame dos trechos bíblicos onde o nome ocorre, sugere que este assume um significado adicional: reflete a capacidade de Deus em proteger os destruir (o que depende do contexto específico). É usado em paralelo com "rocha".

Deus freqüentemente revela uma faceta a mais do seu caráter, fornecendo frases ou locuções descritivas em conexão com seus vários nomes. Ao renovar a sua aliança com Abraão, Ele Se identificou como sendo `El Shaddai "Quando Abraão tinha noventa e nove anos, o SENHOR Deus apareceu a ele e disse: Eu sou o Deus Todo-Poderoso. Viva uma vida de comunhão comigo e seja obediente a mim em tudo" (Gn 17.1).

**3.4.3.2. *Nomes no Novo Testamento*** O Novo Testamento oferece uma revelação muito clara do Deus Triúno. Deus-Pai "Jesus respondeu: se Eu elogiasse a mim mesmo, os meus elogios não valeriam nada. Quem Me elogia é o meu Pai, o mesmo que vocês lizem que é o Deus de vocês. Jesus disse: não Me segure, pois ainda não subi para o meu Pai. Vá se encontrar com os meus irmãos e irmãs na fé e diga a eles que Eu vou subir para a`Quele que é o meu Pai e o Pai deles, o meu Deus e o Deus deles" (Jo 8.54; 20.17), Deus-Filho "Mas a respeito do Filho Deus disse: O teu Reino, ó Deus, vai durar para todo o sempre. Tu governarás o teu povo com justiça" (Hb 1.8) e Deus-Espírito Santo "Então Pedro disse a Ananias: por que você deixou Satanás dominar o seu sentimento? Por que mentiu para o Espírito Santo? Por que ficou com uma parte do dinheiro que recebeu pela venda daquele terreno? Antes de você vendê-lo, ele era seu; e, depois de vender, o dinheiro também era seu. então por que resolveu fazer isso? Você não mentiu para seres humanos - mentiu para Deus" (At 5.3,4; 1 Co 3.16).

**3.4.4. *A Natureza de Deus*** O Deus Onipotente não pode ser plenamente compreendido pelo ser humano, mas nem por isso deixou de Se revelar de diversas maneiras e em várias ocasiões a fim de que O venhamos a conhecer. Deus não pode ser compreendido pela mera lógica humana, e nem sequer sua própria existência pode ser comprovada desta maneira. Com isso, queremos dizer que não estamos de forma diminuindo os seus atributos, fazendo uma declaração confessional das nossas

limitações e da infinidade Divina. Nosso modo de entender a Deus pode ser classificado  em duas pressuposições primárias: a) Deus existe; b) Ele se revelou a nós de modo adequado através da sua revelação inspirada.

**3.4.5.** ***As Obras de Deus*** Outro aspecto da doutrina de Deus que requer atenção é o das suas obras. Este aspecto pode ser dividido em: a) seus decretos; b) sua providência; c) conservação. Os decretos Divinos são o seu plano eterno que, em virtude de suas características, faz parte de um só plano, que é imutável e eterno "Deus fez isso de acordo com o seu propósito eterno, que Ele realizou por meio de Jesus Cristo, o nosso Senhor. Tudo de bom que recebemos e tudo o que é perfeito vêm do céu, vêm de Deus, o Criador das luzes do céu. Ele não muda, nem varia de posição, o que causaria a escuridão" (Ef 3.11; Tg 1.17). São independentes e não podem ser condicionados de nenhuma maneira "Ali fez milagres e coisas maravilhosas para castigar o rei e todos os seus servidores" (Sl 135.9). Têm a ver com as ações de Deus, e não com a sua natureza "Deus ofereceu Jesus Cristo como sacrifício para que, pela sua morte na cruz, Jesus Cristo se tornasse o meio de as pessoas receberem o perdão dos seus pecados, pela fé n`Ele. Deus quis mostrar com isso que Ele é justo. No passado Ele foi paciente e não castigou as pessoas por causa dos seus pecados; mas agora, pelo sacrifício de Jesus Cristo, Deus mostra que é justo. Assim Ele é justo e aceita os que crêem em Jesus" (Rm 3.25-26). Dentro desses decretos, há as ações praticadas por Deus, pelas quais tem Ele responsabilidade soberana; e também as ações das quais Ele, embora permita que aconteçam, não é responsável. Baseado nessa distinção, torna-se possível concluir que Deus é o autor do mal (embora seja o Criador de todas criaturas subalternas), nem é a causa derradeira do pecado.

Alem disso, Deus está sustentando ativamente o mundo que criou. Na conservação, Ele sustenta a criação através de leis estabelecidas "E também não precisa que façam nada por Ele, pois Ele mesmo quem dá a todos a vida, respiração e tudo mais" (At 17.25). Na providência, Ele controla todas as coisas existentes no Universo, com o propósito de levar a efeito seu plano sábio e amoroso, de forma que não venha a interferir na liberdade das suas criaturas "Por isso Deus entregou os seres humanos aos desejos do sentimento d`eles para fazerem coisas sujas e para terem relações vergonhosas uns com os outros" (Rm 1.24)."

***Análise Crítica*** Horton & Joyner definiram Deus: nas suas visões teológicas, Deus é Único, Verdadeiro, Supremo Ser, Eterno, Onipotente, Onisciente, Onipotente, Sábio, Fiel, Bom, Paciente, Amor, Misericordioso, Santo, Reto e Justo.

Eu concordo plenamente com as suas visões teológicas.

**4.** ***Visão Psicoteológica*** Na visão psicoteológica - analisamos Deus, e temos a dizer: para definir Deus é impossível porque não tem como o definido definir o indefinido. Deus está além do que o ser humano possa imaginar, é imaginário. Naturalmente nós procuramos entender Deus através dos seus atos, caráter, atributos, amor, etc. Por exemplo, um transformador de energia elétrica pode transformar: de 500.000 voltes para 13.800 voltes; de 13.800 voltes para 127 voltes; de 127 voltes para 6 voltes; a energia elétrica é a mesma, em proporções bem menor. Podemos comparar como sendo o poder de Deus de 1.000.000 de voltes e o nosso de 1 volte. Com este raciocínio podemos dizer: nós somos uma partícula de Deus. Quando Ele soprou no ser humano o sopro da vida, Ele além de dar vida ao ser humano, Ele também deu uma porção do seu Espírito, concedendo assim o espírito humano, porque Deus é Espírito. Analisando Deus pela visão psicoteológica, afirmamos que Deus: sente, ama, entristece, ver, fala, agi, etc. A diferença do ser humano para Deus é que Ele é infinito e nós: finito. Deus sente através da sua Alma e nós também sentimos através da nossa alma, os sentimentos humanos são naturais; e quanto os sentimentos espirituais, nós sentimos com o nosso espírito. Daí muitos catedráticos e filósofos não entenderem Deus. Para entender Deus é preciso aproximar o máximo d`Ele e ouvi-Lo; não tem

como entender Deus a não ser através do estudo da Bíblia Sagrada, e conferir com o Universo. Outro exemplo: um gerador de energia elétrica, gera energia elétrica e um motor elétrico toca o gerador. Vamos fazer uma ligação elétrica: ligamos o gerador ao motor e o motor ao gerador, será que funciona, continuamente? Não! Por que: depende de uma força externa para alimentar o gerador elétrico; para ele gerar energia elétrica para tocar o motor elétrico que prestará seu serviço a outrem. Se para sustentar o gerador para que ele efetue seu trabalho depende de uma força externa; imagine no Universo, para funcionar esta estrutura. Os planetas, a terra no seu movimento de rotação e translação, as estrelas, o sol, a chuva, o ar, os animais, os vegetais, inclusive o ser humano; nada funciona sem o poder e a vontade de Deus. Naturalmente o ser humano tem procurado Deus em todas as coisas: às vezes uma pequena medalhinha, uma estátua de madeira, um pedacinho de papel, através dos sentimentos espirituais, filosóficos, culturais, de tantas maneiras a maioria não encintram.

Por outro lado muitas pessoas encontram Deus, agora que encontraram, perguntamos: aonde vocês encontraram Deus? Muitos dizem que tiveram um encontro pessoal com Ele, sentiram Deus nas suas vidas. É isto que acontece: Deus é amor, e amor é sentimento. Para encontarmos Deus é necessário amar a Deus sobre todas as coisas. Aquelas pessoas que procuram encontrar Deus fora do sentimento espiritual, jamais O encontrarão.

É importante observar que Deus está muito próximo de nós. A Bíblia Sagrada diz que nós somos o templo do Espírito Santo. Por este motivo, muitos não O encontram; é necessário estar na mesma visão de Deus, para vê-Lo.

Quando olhamos e analisamos, como o ser humano é inteligente, podemos imaginar a inteligência de Deus em criar todo o Universo, nos seus mínimos detales, como tudo funciona em perfeita harmonia, tudo obedece a ordem do Criador. O Criador age diferente com o ser humano, além de ordenar ao ser humano, Deus quer compartilhar seus sentimentos conosco, Ele quer nos amar, Ele nos ama; ainda que sejamos os piores elementos sobre a terra, ainda assim somos a imagem e semelhança do nosso Deus. O ar que recebemos para respirar é puro. Caso esteja poluído, não é culpa d`Ele, a culpa é nossa que poluímos o ar, os rios, o ambiente em que vivemos.

Deus quer nossa felicidade, paz, amor, etc. Depende de nós para sermos felizes. Ele é a Paz, a Verdade, a Vida Eterna, Maravilhoso, Conselheiro, o Rei da Glória.

***Conclusão*** Concluímos que Deus está junto de nós, Ele está em nós; não tem porque não conhecê-Lo, naturalmente muitas pessoas não O encontraram. Uns O procuram em lugares que jamais iram encontrá-Lo; outros com suas visões filosóficas: O procuram de forma indefinida.

Deus que é? Respondemos: Deus é amor, Espírito Pessoal, Bom, Santo, Criador e Sustentados do Universo. Tudo depende d`Ele independentemente da vontade humana, ou de qualquer outro ser "Ninguém nunca viu Deus. Somente o Filho único, que é Deus e está ao lado do Pai, foi quem nos mostrou quem é Deus" (Jo 1.18).

Como vimos no decorrer deste trabalho, as idéias apresentadas, todos tentam de alguma forma expressar seus conhecimentos, ainda que pareçam tão estranhos, idéias tão diferentes, daquilo que pensávamos, mas nesse debate, vale o compartilhar de forma democrática a participação de cada um, seja a teoria que for, seja a visão que for, merece ser examinada, para que possamos assim tirar nossas conclusões. Aqui temos parâmetros para que o leitor possa tirar suas conclusões. Por que comparar todas as idéias aqui apresentadas, veja as melhores segundo a sua visão e tome uma decisão para responder: Quem é Deus? Você pode se considerar filho ou filha de Deus? Deus é seu Pai? Você crer n`Ele?

Assim concluímos este trabalho, cabe a você leitor dar sua opinião, segundo sua visão, quem é Deus para você? Responda com toda sinceridade, você conhece Deus? Caso você tenha alguma dúvida e queira mais explicações, fale conosco; me coloco inteiramente à sua disposição para qualquer estudo desta natureza psicoteológica.

Faça sua avaliação e procure se apresentar a Deus não tendo nada de que se envergonhar; maneja a palavra da verdade e seja feliz, viva a vida que Ele lhe deu, tenha comunhão com Ele e terás a vida eterna. "Porque Deus amou o ser humano tanto, que deu seu único Filho, para que todo aquele que n`Ele crer não morra eternamente, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Amém!

Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda - O Dicionário da Língua Portuguesa, Editora Nova Fronteira, 3ª Edição, RJ; ABBAGNANO, Nicola - Dicionário de Filosofia, Martins Fontes, 3ª Edição, SP; ANDRADE, Claudionor Correia de - Dicionário Teológico, CPAD, 6ª eDIÇÃO, RJ; DAVIS, John D. - Dicionário da Bíblia, Casa Publicadora Batista, 4ª Edição, RJ; LANGSTON, A. B. - Esboço de Teologia Sistemática, JUERP, 3ª Edição, RJ; HORTON, Stanley M. & JOYNER, Russell E. - Teologia Sistemática, CPAD, 4ª Edição, RJ; ALMEIDA, João Ferreira de - Bíblia Sagrada na Linguagem de Hoje, Sociedade Bíblica do Brasil, SP.